



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MONICA GONÇALVES DE MELO TEIXEIRA

Receptividade Sexual por Expressão de Face: Estudo de Validade para
Aplicação On-line

São Paulo

2023

MONICA GONÇALVES DE MELO TEIXEIRA

**Receptividade Sexual por Expressão de Face: Estudo de Validade para
Aplicação *On-line***

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP/USP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós- Graduação em Neurociências e Comportamento, na linha de pesquisa Neurotransmissores e Comportamento.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Jr.

São Paulo

2023

AUTORIZO A DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA PESQUISA, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Catálogo na publicação Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Teixeira, Monica Gonçalves de Melo.

Receptividade Sexual Por Expressão De Face: Estudo De Validade Para Aplicação *On-Line*. Monica Gonçalves de Melo Teixeira; orientador Francisco Baptista Assumpção Júnior. -- São Paulo, 2023

88 f.

Tese (Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Comportamento) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo –USP, 2023.

1. Percepção Facial. 2. Expressão Facial. 3. Escalas. 4. Cortejamento humano. 5. Reconhecimento de emoção. I. Assumpção Júnior, Francisco Baptista, orient. II. Título.

MONICA GONÇALVES DE MELO TEIXEIRA

Receptividade Sexual por Expressão de Face: Estudo de Validade para Aplicação *On-line*

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP/USP, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor no Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Comportamento, na linha de pesquisa Neurotransmissores e Comportamento.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Jr.

Área de concentração: Neurociência e Comportamento

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Banca Examinadora

Prof (a) Dr (a): _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Às muitas mulheres:
cores, tamanhos, valores, discursos, fazeres, prazeres, lamentos, dores,
invenções, rejeições, perdas, ganhos, satisfação,
sobrevivência e vivência que tornaram esse caminho possível.
Minhas avós, minhas tias, minha mãe, minha irmã e minha filha.*

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos aqueles que participaram deste trabalho, seja de modo anônimo voluntário, por afeto ou remuneração monetária. No universo de animais sociais, este fazer não é individual, ainda que solitário.

Agradeço a minha família, sobretudo meu companheiro Paulo Henrique e minha filha Beatriz, que me acompanharam nesses últimos anos, sendo os maiores impactados e incentivadores nesse processo. Sem vocês eu nem teria começado, muito menos chegado até aqui. Lhe agradeço Paulo por todo incentivo, reconhecimento, esforço, cuidado, torcida e parceria. A minha mãe Rita muito obrigada pelo tempo e cuidado, conhecimento é um valor que você me trouxe. Aos meus irmãos Emerson e Patrícia por todo apoio, escuta e leitura nesse caminho. Agradeço ainda a minha família bem extensa, sobretudo minhas primas Sabrina e Thais que colaboraram de modo muito prático nessa construção.

Agradeço meu orientador, Professor Francisco Baptista Assumpção Jr., agradeço por toda gentileza e generosidade, que me permitiu iniciar esse caminho e chegar na construção feita até aqui. Não há palavras para expressar corretamente a importância de sua existência em minha jornada.

Obrigada professoras Carolina Padovani e Evelyn Kuczynski, por participar da qualificação deste trabalho, suas contribuições foram de grande importância, não apenas na adequação, mas também compreensão de muitos aspectos que envolvem o trabalho acadêmico.

Muito obrigada as duas profissionais que muito contribuíram com esta Tese, a revisora e tradutora Mariana Laura Corullón e a estatística Talita Souza Rodrigues.

Agradeço as muitas amigas e amigos, profissionais que contribuíram de algum modo com toda essa construção, entre eles: Andressa, Denise, Patrícia, Ildeanara, Kelvia, Paula, Karen, Milena, Márcia, Jemima, Mariana, Diego, Caio, Elaine, Oswaldo, Carolina e Helena.

Sou grata a esta universidade e seus profissionais, agradeço a oportunidade de desenvolver esta Tese no Programa de Pós-graduação em Neurociência e Comportamento. Na pessoa da professora Daniela Bonci agradeço por todo cuidado e investimento institucional nos alunos.

O mestrado me possibilitou melhor compreender o universo da pesquisa e conhecimento acadêmico. O doutorado estimulou o desenvolvimento da maior articulação de saberes, mas também a delimitação destes. O maior desenvolvimento, no entanto, foi pessoal, o fazer que transforma matéria e altera o indivíduo.

“Gracias a la vida que me ha dado tanto” (Violeta Parra)

Epígrafe

“O heroico processo de manter a vida requer um processo de regulação hercúleo e preciso, tanto em células individuais como em organismos como um todo”.

(DAMÁSIO, 2018, p.197)

TEIXEIRA, M.G.M. **Receptividade sexual por expressão de face: estudo de validade para aplicação *on-line***. 2023. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Comportamento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2023.

Resumo

A receptividade sexual enquanto uma emoção complexa social sexual, comunica-se de modo não verbal pela expressão da face, importante no processo de corte. A escala de Receptividade Sexual por Expressão de Face (RSEF) apresentou boa consistência interna ($\alpha \geq 0,80$) no estudo de desenvolvimento com aplicação manual/presencial, pretende-se verificar a possibilidade de um instrumento de imagem que possa auxiliar no trabalho clínico, utilizado em atendimento remoto na modalidade *on-line*. Objetivamos verificar adaptação e equivalência da RSEF em aplicação *on-line*; identificar possíveis diferenças na avaliação da RSEF segundo sexo e orientação sexual do (a) voluntário (a); verificar se o uso de contraceptivo hormonal oral (CO) interfere na resposta de mulheres. Método: Trata-se de um estudo descritivo e transversal, em amostra de conveniência. Participaram 257 voluntários maiores de 18 anos (total N=257; mulheres N=186; média de 40 anos de idade; e homens N= 71; média de 34 anos de idade), voluntariamente preencheram um formulário *on-line* com a RSEF e perguntas para caracterização sociodemográfica. Resultados: Na aplicação *on-line* a escala apresentou boa consistência interna ($\alpha = 0,90$). O sexo da imagem e do avaliador, assim como orientação sexual, não apresentou diferenças significativas na avaliação das imagens (ANOVA realizado considerando Alfa de 0,05, com $p > 0,05$, para grupo de homens heterossexuais; mulheres hetero e não heterossexuais). Dentre o grupo de mulheres na aplicação *on-line*, foi observada a média de avaliação das mulheres que informaram uso de CO (GrCO N=30) e não usuárias de contraceptivos hormonais (GrNCO N= 105), sem diferenças significativas na avaliação destes grupos ($T=0,40$, $p > 0,05$, com 95% de confiança, $\alpha = 5\%$). A aplicação *on-line* em média, apresentou diferença em relação a aplicação presencial dos dados de construção do instrumento ($F = 0,78$, $p < 0,05$, com 95% de confiança, $\alpha = 5\%$). Discussão: Na aplicação *on-line* não foram controlados o tempo de exibição da imagem e de resposta como na aplicação manual/presencial da construção da escala RSEF, os resultados apresentam evidências de validade interna da RSEF em aplicação *on-line*. Adiciona evidências de que o sexo e orientação sexual do observador, e uso de contraceptivo hormonal oral por mulheres, não interfere de modo significativo na percepção de receptividade sexual por expressão facial nesta amostra de estudo. A escala pode ser um instrumento de uso clínico para compor avaliações e intervenções, sobretudo para discriminar alteração de percepção de distorção cognitiva no reconhecimento emocional. Novos estudos podem explorar possíveis variáveis que modulem a diferença encontrada sobre o formato da aplicação, sensibilidade e especificidade para grupos clínicos específicos.

Palavras-chave: Percepção de face; Expressão Facial; Escala; Cortejamento humano.

TEIXEIRA, M.G.M. **Sexual receptivity by facial expression: validity study for online application.** Thesis (Doctorate), Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Comportamento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2023..

Abstract

Sexual receptivity as a complex, social and sexual emotion is communicated non-verbally by the facial expression, important in the courtship process. The Sexual Receptivity by Face Expression (SRFE) scale showed good internal consistency ($\alpha \geq 0.80$) in the development study with manual/face-to-face application, it is intended to verify the possibility of an imaging instrument that can assist in clinical work, used in online remote care. The objectives were to verify the adaptation and equivalence of the RSEF in the online application; to identify possible differences in the evaluation of the SRFE according to the gender and sexual orientation of the volunteer; and to verify whether the use of oral hormonal contraceptive (OC) interferes in the response of women. Method: This is a cross-sectional descriptive study, with a convenience sample. A total of 257 volunteers over 18 years of age (total N=257; women N=186; mean age 40 years; and men N= 71; mean age 34 years) participated, voluntarily filled out an online form with the SRFE and questions for sociodemographic characterization. Results: In the online application the scale showed good internal consistency ($\alpha = 0.90$). The gender of the image and of the evaluator, as well as sexual orientation, did not present significant differences in the evaluation of images (ANOVA performed considering Alpha of 0.05, with $p > 0.05$, for group of heterosexual men; heterosexual and non-heterosexual women). Among the group of women in the online application, the mean evaluation of women who reported use of OC (GrOC N=30) and non-users of hormonal contraceptives (GrNOC N= 105) was observed, with no significant differences in the evaluation of these groups ($T=0.40$, $p > 0.05$, with 95% confidence, $\alpha = 5\%$). The online application, on average, showed difference compared to the face-to-face application of the instrument construct data ($F = 0.78$, $p < 0.05$, with 95% confidence, $\alpha = 5\%$). Discussion: In the online application, image display and response time were not controlled as in the manual/face-to-face application of the SRFE scale construct, the results present evidence of internal validity of the SRFE in the online application. It adds evidence that the gender and sexual orientation of the observer and the use of oral hormonal contraceptives by women do not significantly interfere with the perception of sexual receptivity by face expression in this study sample. The scale can be an instrument of clinical use to compose assessments and interventions, especially to discriminate altered perception from cognitive distortion in emotional recognition. Further studies may explore possible variables that modulate the difference found in application format, sensitivity, and specificity for specific clinical groups.

Keywords: Face Perception; Facial Expression; Scale; Human Courtship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Amostra de imagens selecionadas para compor o instrumento final, com maior e menor índices de CVC por sexo..... | 36 |
| Figura 2 - Amostra de imagens com as respectivas Aus indicadas..... | 38 |
| Figura 3 - Imagens cuja avaliação <i>on-line</i> apresentou diferença significativa na concordância entre homens e mulheres quanto à expressão de receptividade sexual..... | 43 |
| Figura 4 - Box plot com média de avaliação dos instrumentos por forma de aplicação, sexo e orientação sexual..... | 48 |
| Figura 5 - Média de avaliação segundo semana do ciclo menstrual..... | 51 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Apresenta caracterização sociodemográfica dos participantes em aplicação <i>on-line</i> | 41 |
| Tabela 2 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual das imagens em aplicação <i>on-line</i> | 42 |
| Tabela 3 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens por sexo e forma de aplicação..... | 44 |
| Tabela 4 - Apresenta caracterização das respondentes mulheres não heterossexuais em aplicação manual/presencial e <i>on-line</i> | 45 |
| Tabela 5 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens..... | 46 |
| Tabela 6 - Apresenta os dados referentes às análises do teste T e ANOVA..... | 47 |
| Tabela 7 - Dados sociodemográficos das participantes do estudo..... | 49 |
| Tabela 8 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens..... | 50 |

Lista de Abreviaturas e Siglas

| | |
|-------|--|
| GrT | Grupo Total de participantes voluntários com orientação heterossexual. |
| GrH | Grupo de Homens, participantes voluntários com orientação heterossexual. |
| GrM | Grupo de Mulheres, participantes voluntários com orientação heterossexual. |
| GrMNH | Grupo de Mulheres, participantes voluntários com orientação não heterossexual. |
| CO | Grupo de Mulheres, participantes voluntários com orientação heterossexual, usuárias de Contraceptivo Oral. |
| NCO | Grupo de Mulheres, participantes voluntários com orientação heterossexual, não usuárias de Contraceptivo Oral. |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 1.1. Revisão da literatura..... | 15 |
| 1.1.2. Receptividade Sexual | 15 |
| 1.1.3. Emoção..... | 17 |
| 1.1.4. Receptividade sexual por expressão de face..... | 20 |
| 1.1.5. Variáveis que interferem no reconhecimento facial de emoções..... | 23 |
| 1.1.6. Hormônios sexuais e o reconhecimento de emoções por expressão de face..... | 25 |
| 1.1.7. Construção de instrumentos de avaliação em psicologia..... | 28 |
| 1.1.8. Adaptação de instrumentos para aplicação <i>on-line</i> | 31 |
| 2. OBJETIVO | 34 |
| 2.1. Objetivos Específicos..... | 34 |
| 2.2. Hipóteses..... | 34 |
| 3. MÉTODO | 35 |
| 3.1. Participantes..... | 35 |
| 3.2. Instrumentos..... | 35 |
| 3.3. Procedimento..... | 39 |
| 3.4. Aspectos Éticos..... | 39 |
| 3.5. Plano de Análise de Dados..... | 40 |
| 4. RESULTADOS | 41 |
| 4.1. Adaptação e equivalência da ERSEF em aplicação <i>on-line</i> | 41 |
| 4.2. Avaliação das imagens conforme meio e forma de aplicação: <i>on-line</i> e manual/presencial..... | 44 |
| 4.3. Grupo II mulheres com orientação não heterossexual | 45 |
| 4.4. Grupo III mulheres heterossexuais usuárias de contraceptivo hormonal oral..... | 49 |
| 5. DISCUSSÃO | 52 |
| 5.1. Adaptação da escala ERSEF para aplicação <i>on-line</i> | 52 |
| 5.2. Diferenças sexuais no reconhecimento de emoção..... | 52 |
| 5.3. Mulheres com orientação não heterossexual | 57 |
| 5.4. Uso de Contraceptivo Oral e Reconhecimento de Emoção..... | 58 |
| 6. CONCLUSÃO | 61 |
| REFÊNCIAS | 63 |
| ANEXOS | 74 |

1. INTRODUÇÃO

Os instrumentos utilizados na atividade de avaliação psicológica e intervenções clínicas, em muito, são produtos de traduções e validações de construções estrangeiras. O trabalho de construção e validação de instrumentos em psicologia é um processo moroso e custoso, no entanto, há consenso sobre a importância de tais iniciativas para desenvolver um arcabouço de instrumentos adequados à população brasileira.

No campo da sexualidade humana existem iniciativas de desenvolvimento e validação de escalas e inventários. Tais instrumentos auxiliam nos levantamentos populacionais e na atividade clínica em psicoterapia, possibilitando ao clínico informações sobre vários aspectos da sexualidade e queixas do cliente, além de estimular a reflexão e autopercepção do indivíduo ao preenchê-los.

Nesse sentido, quanto maior o volume de instrumentos que enfoquem os diversos aspectos da sexualidade humana, melhores e mais efetivas ferramentas são disponibilizadas ao trabalho clínico. O mesmo argumento serve à discussão sobre variação nos instrumentos, pois diferentes estímulos podem evidenciar as muitas facetas de um mesmo fenômeno.

Estimulando a compreensão de que instrumentos dessa natureza não têm função diagnóstica. Eles podem somente compor um processo de avaliação, participar na reflexão e autopercepção do indivíduo, sinalizar alterações e possíveis fatores que afetam um determinado aspecto da cognição, contribuindo com o fazer clínico.

Assim, ao propor uma escala composta por imagens, objetiva-se abrir a possibilidade de se refletir a respeito de habilidades, capacidades, limitadores e condicionantes que possibilitam a apreensão e interpretação de expressões e emoções, bem como as cognições pessoais sobre o tema.

A importância de tal dimensão, origina-se na concepção de que a comunicação não-verbal é parte fundamental nas interações humanas. É sabido que a expressão corporal pode comunicar desde emoções a intenções, construindo sentidos em conjunto com aquele que a percebe. Assim, sobretudo ao iniciar o contato social, por exemplo, num flerte, ela facilita, dificulta e até mesmo impede que a socialização aconteça.

Além disso, tal comunicação, por obedecer a certos códigos históricos, culturais ou de determinados grupos e, tendo que ser interpretada individualmente, conforme valores, expectativas e experiências pregressas da pessoa, exige-se que haja um olhar que não se limite apenas ao domínio da razão, sendo que desta maneira, razão e emoção formam um todo chamado consciência, que produz as noções de “eu” e de “mundo/ambiente”, além de sentidos

e significados. Justamente, esta produção de significados, por ter a potencialidade de produzir acordos ou conflitos, representa diversas demandas e queixas clínicas ao apresentar distorções cognitivas sobre o comportamento não-verbal, que impactam diretamente a socialização e muitos aspectos da sexualidade.

Por fim, para salientar e explicitar o objetivo desta tese, assistimos nos últimos anos uma verdadeira transformação no mundo das relações humanas e do trabalho. O espaço virtual se tornou rapidamente, principalmente no mundo pós pandemia, um local privilegiado de interações e mediações dos mais diferentes aspectos das interações pessoais e profissionais.

A clínica, como fenômeno pertencente e atuante na sociedade, não ficou indiferente, sendo que igualmente o seu cotidiano foi alterado através de mudanças no setting de atendimento. Tendo em vista a necessária atualização do fazer profissional apropriar-se desse ambiente, o *setting* virtual, também com desenvolvimento e adaptação de instrumentos.

A aplicação da escala de percepção da receptividade sexual por expressão de face, que outrora foi desenvolvida em dissertação, com aplicação de forma presencial, tenta dialogar com os mais diversos desafios que o humano e a técnica nos apresentam, buscando a adaptação para o meio *on-line*.

1.1. Revisão da literatura

1.1.2. Receptividade Sexual

A receptividade sexual é aqui concebida como uma emoção humana, aliciada por aspectos fisiológicos e sociais. É compreendida como uma emoção complexa social e sexual, visto que atende necessidades básicas da sexualidade humana: desde toque físico, afeto, intimidade, sociabilidade, sexo e reprodução.

O termo receptividade sexual é comumente utilizado na biologia para designar o período em que uma fêmea está fisicamente apta para a cópula e fertilização. Em algumas espécies a cópula não é fisicamente possível fora de um período específico (ex. cio), em outras ela é contínua. A evolução da receptividade sexual em fêmeas é tema de estudo há mais de um século, há observação das diferenças entre as espécies e hipóteses sobre os caminhos evolutivos. Nos humanos a receptividade sexual das mulheres é contínua, os sinais ovulatórios observáveis são sutis, e a motivação sexual pode ser diversa, não apenas reprodutiva (ROOKER; GAVRILETS, 2020).

No domínio da biologia, a atratividade sexual feminina é composta pelas sinalizações fisiológicas de fertilidade (alteração de volume dos seios, brilho e colorações: faces ruborizadas), sinalizadores de saúde (simetrias morfológicas, aparência saudável, entre outros) e padrão de beleza conforme a cultura. Constituem parte importante da atratividade os comportamentos proceptivos (UNGERFELD, 2021), que são as pistas comportamentais exibidas: escolha de roupas, maquiagem, local, companhias, e a receptividade que trata da disposição em aceitar um parceiro e permitir a cópula (ROOKER; GAVRILETS, 2020; CRAIG; GRAY, 2020; PAZDA, ELLIOT; GREITEMEYER, 2012).

Neste estudo interessa-nos como se dão os comportamentos proceptivos e receptivos sexualmente, relativos aos humanos cuja interação sexual não é estritamente relacionada à reprodução. Ante a diversidade cultural humana, a cópula ou sexo atende a uma variedade de necessidades e motivações, sem restrição de período do ciclo reprodutivo feminino. Nos dicionários eletrônicos da língua portuguesa do Brasil, a palavra receptividade é um substantivo feminino (1. qualidade de receptivo 2. disposição para receber ou aceitar impressões, opiniões, sugestões etc. 3. Medicina: sensibilidade mais ou menos acentuada de um organismo para contrair uma doença ou reagir bem à ação de um medicamento. Também se pode escrever receptividade) (<https://www.dicio.com.br/receptividade/>).

Excluídos os trabalhos com população animal, foram encontradas poucas publicações nos últimos cinco anos ao buscar nas bases de dados científicos em meio eletrônico (Web of Science; Pubmed, Psycnet e Lilacs) os termos: receptividade sexual e humanos; *sexual receptivity and humam*. A palavra receptividade aparece associada a situações em que é utilizada como sinônimo de aceitação de algo, disposição para algo. O termo *proceptivity* é encontrado em estudos com animais, em trabalhos brasileiros é traduzida como proceptividade (UNGERFELD, 2021), embora não seja uma palavra que faça parte do verbete da Língua Portuguesa.

No estudo sobre comportamentos femininos em relacionamentos amorosos, Craig e Gray (2020) conceituam como proceptivos (*proceptivity*) os comportamentos de uma mulher para indicar interesse em aproximar-se sexualmente de um homem e como comportamento receptivo quando a mulher permite ou aceita a aproximação do homem. Conclui-se que propor o uso do termo “receptividade sexual” enquanto disponibilidade para aceitar a aproximação de uma possível parceria sexual para humanos está adequado, abarcando comportamentos receptivos e proceptivos. Havendo receptividade sexual em um encontro de dois indivíduos, inicia-se o processo de corte ou cortejamento.

O cortejamento tem por objetivo a seleção de parcerias sexuais, entre humanos atende as regras de comportamento socialmente aceitas pelo grupo social a que o indivíduo pertence, conforme cultura e momento histórico. Entretanto, obedece a uma sucessão de eventos estruturalmente definidos, que pode ser descrito em seis etapas: 1ª) fase de atenção, 2ª) fase de reconhecimento, 3ª) fase de interação ou conversa de sedução, 4ª) fase do contato físico, 5ª) fase da sincronia corporal/ excitação sexual, 6ª) fase de resolução sexual. Não há período definido para cada fase, a burla de quaisquer fases em geral é sentida como negativa (WEBER, 1998).

A fase de atenção é o início do cortejamento, quando os indivíduos estão alertas ao ambiente social de modo a identificar outros que lhe sejam atraentes, ou seja, emitam comportamentos não verbais proceptivos e sexualmente receptivos. O reconhecimento é a percepção do outro que emite tais sinalizadores comportamentais. A biopsicologia compreende que no cortejamento os homens e as mulheres são participantes ativos, mas as mulheres sinalizam e decidem se o homem será recebido e aceito para dar continuidade a corte. A expressão de face feminina no cortejamento é indicada como um dos sinalizadores não verbais de receptividade ou rejeição ao cortejamento (RENNINGER; WADE; GRAMMER, 2004; WEBER, 1998; GRAMMER, 1989). Há certo consenso de que as mulheres são as que emitem essa sinalização e que os homens devem observar e perceber, e assim se aproximar ou não (MOORE, 2010).

Os comportamentos não verbais sinalizadores de receptividade sexual podem ser exibidos de modo diferente entre as culturas humanas. Portanto, consideradas a biologia humana que não limita o sexo a um período ou objetivo específico (ROOKER; GAVRILETS, 2020); a diversidade cultural e da experiência sexual humana; e a concepção de receptividade sexual enquanto uma emoção complexa social e sexual, o termo “receptividade sexual” utilizado neste estudo se configura como uma possibilidade emocional para homens e mulheres, em diferentes configurações de relacionamentos e orientação sexual (VALENTOVA et al, 2023; GARCIA; SCHERF, 2015).

Discorremos a seguir sobre a conceituação de emoção, sua função, emoções básicas e emoções complexas. Assim como os estudos sobre a percepção de emoção por expressão facial.

1.1.3. Emoção

Segundo Buck (2019) uma emoção ocorre em três níveis fisiológicos, o primeiro nível sendo o proprioceptivo, há uma percepção interna de estímulos internos ou externos que altera

o estado do organismo, gerando uma necessidade que deve ser suprida para alcançar homeostase, algumas emoções que ocorrem apenas nesse nível mal chegam a ser reconhecidas de modo consciente pelo indivíduo.

O segundo nível da emoção é a sinalização fisiológica, desde o rubor facial até as expressões de face e outras contrações musculares. O terceiro nível de emoção relaciona-se à cognição e consciência, os sentidos e significados atribuídos às percepções anteriores, estando incluídos os afetos e sentimentos (BUCK, 2019).

“Uma vez que os sentimentos representam mentalmente um estado de homeostase destacado no momento, e em virtude da perturbação que podem gerar, eles funcionam como motivos para envolver o intelecto criativo, sendo este último o elo na cadeia que é responsável pela construção da prática ou instrumento cultural” (DAMÁSIO, 2018, p.183).

Esta abordagem em neurociência baseia-se na compreensão de que a razão e a emoção são um sistema de informação integrado, atuando juntos no julgamento e tomada de decisões. Para Damásio (2018) a consciência das emoções é essencial no processo de desenvolvimento da cultura humana. A tecnologia atual permite localizar fisicamente no cérebro muitos dos circuitos envolvidos no processamento emocional. Experimentos e pesquisas têm demonstrado que o caminho do processamento emocional é complexo, similar, mas não idêntico entre os indivíduos (XU *et al*, 2021; ADOLPHS, 2017). O indivíduo toma decisões em função de harmonizar-se, ainda que atualmente seja possível: localizar, nomear e compreender os processos bioquímicos no cérebro que atuam na tomada de decisões, o cérebro é o indivíduo, parte dele e não algo em separado (DAMÁSIO, 2018).

Neste estudo também são utilizadas referências científicas fundamentadas no modelo básico de emoção (EKMAN, 2011; EKMAN; FRIESEN; HAGER, 2002; EKMAN; FRIESEN; TOMKINS, 1971) que define inicialmente, no desenvolvimento humano, a existência de seis categorias básicas de emoção: alegria, raiva, tristeza, medo, aversão e surpresa, inerentes aos humanos e topograficamente distintas. As emoções básicas são necessárias no desenvolvimento do apego e na relação para manutenção da vida, remetem-se, sobretudo, a estados afetivos que indicam agrado e desagradado, conforto e desconforto.

Na medida em que a interação do indivíduo com o ambiente social e as demandas culturais vão se tornando mais complexas, exigem criatividade, fomentam novas percepções. As demandas de adaptação do organismo ao ambiente no desenvolvimento humano vão alterando e direcionando o desenvolvimento dos mapas ou rotas mentais, assim outras emoções vão sendo percebidas, adquirem significado e sentido, são nomeadas pela consciência, essas

são as chamadas emoções complexas (XU *et al*, 2021; DAMÁSIO, 2018; BRENDA; SCHERF, 2017; ASSUMPÇÃO JR., 2009).

Na proposta de Damásio (2018) a consciência da valência das emoções é o que permite ao indivíduo ter autonomia na regulação das próprias necessidades. A valência das emoções é a possibilidade de classificar os estados somáticos como agradável (contribui para homeostase ou harmonia do organismo) ou desagradável (estimula o organismo a uma atuação em função de harmonizar-se, contribuindo para a manutenção de sua sobrevivência).

As emoções complexas ocorrem em nível *individual ou mental*, como culpa, vergonha, timidez, estados somáticos vivenciados pelo indivíduo a partir de situações sociais vivenciadas com o outro ou imaginadas. Emoções complexas também podem ser *sociais*, quando estão diretamente relacionadas a experiência com o outro, o externo, social: desprezo, desejo sexual, paixão, rejeição, entre outras (ALMEIDA, 2020; GARCIA; SCHERF, 2015).

Numa proposta funcional das emoções complexas, Garcia e Scherf (2015) distinguem as emoções conforme sua função, visto que determinadas lesões afetam o reconhecimento de algumas emoções complexas e outras não. Caracterizam-se como emoções complexas sociais cognitivas aquelas evocadas por autoavaliação e autoconsciência, funcionalmente mediam a adequação comportamental a padrões morais: aprovação, envergonhado, culpado, modesto, orgulhoso, arrependido.

As emoções complexas sociais sexuais são aquelas que ocorrem na interação com o outro, e em contextos sociais específicos de interação afetivo/sexual: carinhoso, atraído, traído, com o coração partido, desejável, com ciúmes, doente de amor. São categorizadas como emoções complexas sociais e sexuais, aquelas com função de mediar os relacionamentos afetivo-sexuais. Assim compreende-se a receptividade sexual (uma emoção de disponibilidade para o encontro sexual ou corte) como uma emoção complexa social e sexual (GARCIA; SCHERF, 2015).

Almeida (2020) ao analisar a obra do neurocientista Antônio Damásio, destaca o papel do determinismo biológico na tomada de decisões. Conclui que para o neurocientista, o sentimento de escolha, quando consciente ao indivíduo, é legítimo, a subjetividade do indivíduo está presente e equilibra os aspectos biológicos da emoção, ainda que observe maior peso dos marcadores biológicos na tomada de decisão. Compreende que a obra de Damásio se desenvolve num caminho de maior equilíbrio da discussão entre o *inato e o adquirido*, reforçando as teorias integralistas do desenvolvimento humano (ASSUMPÇÃO, JR, 2009).

Em estudo com crianças e adolescentes (MOTTA-MENA; SCHERF, 2017), a fase de desenvolvimento puberal modulou o reconhecimento de emoções por expressão de face. Os

participantes com maior desenvolvimento puberal reconheceram emoções com menor intensidade de expressão. Tais dados indicam que a presença de hormônios sexuais a partir das alterações puberais atuam na expressão e reconhecimento de emoções sociais, concordando com o argumento acima sobre a influência dos marcadores biológicos no reconhecimento de emoções e sentimentos (ALMEIDA, 2020).

A expressão e reconhecimento de emoções são dois processos distintos e interativos na comunicação não verbal, participam do processo de autopercepção e percepção do outro, importantes no julgamento social e tomada de decisões, assim como toda a articulação cognitiva que direciona o comportamento adaptativo do indivíduo.

1.1.4. Reconhecimento de emoção por expressão de face

A expressão de emoção pela face é uma temática difundida cientificamente, com instrumentos de avaliação psicológica utilizando-se de imagens de expressão facial para verificar a capacidade perceptiva dos indivíduos. Esta instrumentação é baseada nas fundamentações de que expressão facial de emoção é característica da espécie e, portanto, universal (EKMAN, 2011; EKMAN; FRIESEN; HAGER, 2002; EKMAN; FRIESEN; TOMKINS, 1971).

Os instrumentos de percepção de expressão facial de emoção apresentam muitas evidências e indicações de uso para rastreio de prejuízos em indivíduos com diversas situações clínicas: esquizofrenia; epilepsia; transtorno depressivo maior; abuso de substâncias psicoativas e uso de psicotrópicos; entre outros quadros psicopatológicos e neurodegenerativos (KRAUSE *et al*, 2021; GARCEZ *et al*, 2020; BOMFIM; RIBEIRO; CHAGAS, 2019; BUEDO *et al*, 2018; EDWARDS *et al*, 2017; MIGUEL; PESSOTTO, 2016; YOON *et al*, 2016). Tais alterações perceptivas também são descritas em alterações do desenvolvimento, com grande impacto adaptativo como no Transtorno do Espectro Autista (LEIVA *et al*, 2019; NAGY *et al*, 2018; FRIDENSON-HAYO *et al*, 2016).

Os comportamentos de expressão emocional ocorrem para autorregulação homeostática e são mediados pela cognição e intenções do indivíduo (DAMÁSIO, 2018; SILVA, 2015). Os comportamentos de corte, apresentam certa ambiguidade, entre sinalizar aceitação e rejeição, uma autorregulação como forma de potenciais parceiros avaliarem um ao outro, decidir sobre investir em uma maior aproximação, e sobre qual será o objetivo dessa interação: amizade, troca intelectual, parceria sexual ou afetivo-sexual por exemplo. A expressão da face nesses

contextos pode explicitar receptividade ou rejeição (YAMAMOTO *et al*, 2018; HENNINGSEN, 2004; MOORE, 2010; 2002).

Nas ciências biológicas a face feminina é mais explorada quanto a expressão de emoção nos comportamentos de corte. Estudos dessa natureza são realizados em maior frequência com estímulos de face feminina. Partindo dos exemplos animais, cuja maior frequência, no cortejamento a fêmea é abordada pelo macho, ela sinaliza aceitação ou rejeição, os estudos com humanos encontram essa similaridade. São citadas como características de expressões faciais femininas associadas à receptividade sexual: sorrir, olhares rápidos, olhar direto/fixo, pupilas dilatadas, olhos úmidos e brilhantes, cabeça inclinada, face esquerda ruborizada, sobrancelha erguida em forma de montanha, pálpebra inferior mais alta, lábio inferior acariciado pelo incisivo superior, lábio inferior umedecido pela língua (MOORE, 2010; TURCHET, 2005; HESS, 1975).

O cortejamento implica num processo de ordem filogenética, que pode partir da estimulação emocional, o termo flerte é comumente utilizado, fora do âmbito da biologia, para nomear as interações sexuais humanas na seleção de parceria. Compreende-se que o termo flerte está contido no processo de cortejamento, são experimentados os três níveis de emoção definidos por Buck (2019). A emoção de receptividade sexual pode estar vivenciada apenas no primeiro e segundo nível de emoção definidos pelo autor, sem a autopercepção consciente do indivíduo sobre este estado emocional. O indivíduo pode rejeitar de imediato a interação, visto que a regulação emocional é consciente. Então, estar sexualmente receptivo a níveis fisiológicos, não significam aceitação da corte ou flerte de alguém.

O flerte é um comportamento de interação social, ambos os envolvidos flertam e estão cientes de fazê-lo, ainda que topograficamente diferenciado conforme comportamentos considerados adequados pelo grupo social, no flerte os envolvidos demonstram interesse sexual. A habilidade de demonstrar e perceber interesse sexual é entendida como uma habilidade social importante, por vezes flertar é uma ação denominada de arte, sobretudo, considerando o carácter ambíguo do comportamento. (HAJ-MOHAMADI; GILLATH; ROSENBERG, 2021; APOSTOLOU *et al*, 2018; APOSTOLOU *et al*, 2019; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009; WEBER, 1998).

Data do século XII a publicação “Tratado do Amor Cortês” (*Tractatus de amore*, no original francês [Capelão, 2000]), acredita-se que o autor seja um sacerdote que compila de modo organizado as regras da aristocracia europeia medieval para o cortejamento, diferenciando comportamentos adequados por gênero, classe social e entre elas, conforme a visão de mundo e homem predominante no período. A publicação demonstra que as fases do

processo de cortejamento se mantêm ao longo dos séculos, alterando as regras e formato conforme a sociedade e momento histórico. Capelão inicia o texto enfatizando a importância da visão, segundo ele “*o amor é uma paixão natural que nasce da visão*” (p.5, 2000), afirmando que por isso os cegos não se apaixonam.

O processo de corte ou flerte é mediado pelas emoções, percepções e cognições de ambos envolvidos. A percepção sendo a função cognitiva que organiza os estímulos internos (necessidades de tipo fisiológicas, entre outras como contato) e externos (por exemplo uma pessoa de interesse) captados pelos sentidos, dando significado e regulando a expressão emocional. O significado atribuído a uma situação é resultado da cognição do indivíduo, em que se articulam seus referenciais particulares (histórico de desenvolvimento e experiências pessoais, culturais e sociais [DAMÁSIO; 2018; ASSUMPÇÃO JR., 2009]).

Durante o cortejamento, os indivíduos tendem a exaltar a própria atratividade, de modo a atrair parcerias de interesse, com comportamentos validados social e culturalmente como atrativos para determinado grupo social. Tais sinalizadores são percebidos por todo o grupo social e, portanto, não demonstram interesse específico em uma pessoa, contrário aos sinalizadores mais sutis, com um rápido olhar direto e fixo por exemplo, que são direcionados aos indivíduos de interesse (CRAIG; GRAY, 2020).

Em muitas culturas e momentos históricos da sociedade humana, a seleção de parceria ocorre por outros moduladores sociais: posição social, política, renda, religião, sobrevivência, entre outros. Situações em que as emoções do indivíduo não são consideradas importantes, nestes casos a expressão e percepção da receptividade sexual pode não participar dos processos de seleção de parceria. No entanto, em culturas cujas emoções e sentimentos dos indivíduos são considerados no processo de corte, a percepção da receptividade sexual integra o cortejamento (VALENTOVA *et al*, 2023; YAMAMOTO *et al*, 2018).

A desconsideração da expressão emocional da face na percepção de receptividade sexual é discutida em diversas situações de agressão e importunação sexual, abusos justificados pela emissão de sinais não verbais da possível disponibilidade, ou mesmo apenas pela leitura de um dado contexto (TODOROV, 2017; TREAT *et al*, 2016). As emoções complexas são contextuais, há discussões sobre a modulação do contexto na percepção facial de emoção, sobretudo para expressões discretas ou que apresentam características semelhantes a outras emoções (RESCHKE *et al*, 2019). Destarte, a percepção de emoção por expressão facial é um fenômeno que integra a topografia da expressão facial e o contexto em que ocorre, compondo o construto multidimensional das habilidades sociais (CARVALHO *et al*, 2023; FERNANDES; PEDROSA; COSTA, 2018; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2009).

A receptividade sexual, como uma emoção mediadora nos relacionamentos, pode ocorrer em outras situações. A possibilidade de expressar e perceber se outro está sexualmente receptivo é possível a todo encontro, mesmo nos relacionamentos de longo prazo, podendo representar um diferencial importante na manutenção do envolvimento e da intimidade, já que se trata de uma habilidade comunicativa da disponibilidade para interação, inclusive para o sexo. O trabalho da psicologia clínica com casais passa pela abordagem e discussão da comunicação não verbal, que abarca, entre outros aspectos, a expressão facial (BECK, 1995).

Acredita-se que o reconhecimento de emoção por expressão facial ocorre por sobreposição de processos e áreas encefálicas, considerada a gama de informações que cada tipo de estímulo pode promover (morfologia fácil, estímulos dinâmicos e estáticos, cores, entre outros). Quanto maior o volume de informações disponíveis, maior a agilidade e facilidade de reconhecer uma emoção (EKMAN, 2011; ADOLPHS, 2017; FERNANDES; PEDROSA; COSTA, 2018; FERRETTI; PAPALEO, 2019).

As respostas fisiológicas ante determinado estímulo podem ocorrer antes mesmo da percepção consciente de uma emoção. Em Wilson *et al.* (2018) são encontradas evidências de ativação medular diante de expressão de raiva. No entanto, evidências apontam para alterações perceptivas moduladas por fatores orgânicos, como expressões genótípicas a nível proteico, uso de fármacos, psicotrópicos, contraceptivos entre outros (LISCHKE *et al.*, 2019; PAHNKE *et al.*, 2019). Definir a receptividade sexual como uma emoção complexa social e sexual, permite refletir sobre formas de observar esse fenômeno.

1.1.5. Variáveis que interferem no reconhecimento facial de emoções

Os estudos sobre reconhecimento de emoções básicas por expressão de face são variados e consistentes em observar universalidade destas, mas são conflitantes quanto às possibilidades de diferenças de percepção e expressão por gênero do observador e da face observada. Alguns fatores são levantados como importantes no processamento de expressão de emoções pela face: tempo de resposta, intensidade da emoção expressa, raça, gênero da face e do observador (RESCHKE *et al.*, 2019; QUADFLIEG; WESTMORELAND, 2019; FERNANDES; PEDROSA; COSTA, 2018; HUTCHISON; GERSTEIN, 2017; WELLS; GILLESPIE; ROTSHTEIN, 2016).

A morfologia facial é um aspecto que pode modular a percepção de expressão emocional, sobretudo em determinadas culturas. Nessa perspectiva, o reconhecimento de receptividade sexual por expressão de face se daria de modo similar entre grupos sociais e

diferentes culturas, mas não idêntico, pois cada grupo constrói os elementos que caracterizam esse comportamento, para os indivíduos dentro deste grupo é um julgamento imediato no primeiro olhar (TODOROV, 2017). Entretanto a discussão sobre diferenças perceptivas entre homens e mulheres não apresenta consenso, com evidências de diferença significativa na percepção segundo sexo, mas talvez específicas a algumas populações (FERNANDES; PEDROSA; COSTA, 2018; HUTCHISON; GERSTEIN, 2017; WELLS; GILLESPIE; ROTSHTEIN, 2016; THOMPSON; VOYER, 2014; GUEGUEN, 2013; KASPAR; KRULL, 2013; ALVES, 2013).

Na discussão quanto à modulação da percepção de homens e mulheres sobre a expressão facial de receptividade sexual. Uma hipótese é de que exista uma diferença de percepção em função da motivação do observador, com homens em maior motivação para o sexo propriamente, assim fariam uma leitura de maior intensidade na receptividade sexual das mulheres observadas. Nesse sentido, a motivação do observador seria um fator mediador no processo perceptivo (PUNYANUNT-CARTER; WAGNER, 2019; CHOI; HUR. 2013)

Considerar o observador e o observado no processo perceptivo é temática de estudo sobre julgamento social, creditando a essa interação (perceptor x alvo) às variações perceptivas de um grupo para a mesma expressão facial. A intensidade do estímulo emocional é indicada como modulador para essa variação, imagens com maior expressividade eliciariam percepções consoantes com as emoções daquele que expressa, e imagens com menor expressividade emocional aumentariam a influência das referências individuais do observador. Assim, expressões mais neutras possibilitariam maior variabilidade de avaliação pelos observadores (HEHMAN *et al*, 2017).

No intuito de estabelecer a morfologia de expressão de face que represente o interesse para aproximação sexual, Haj-Mohamadi, Gillath e Rosenberg (2020) realizaram uma série de experimentos identificando as características de expressão facial feminina reconhecidas por homens como de flerte, discutem a possibilidade de tal expressão ocorrer de modo universal.

Os comportamentos não verbais femininos no cortejamento são mais documentados, embora os pesquisadores concordem que a participação de ambos os parceiros é fundamental para um processo de sucesso. Algumas evidências indicam que haja diferença entre os sexos apenas quanto à intensidade da avaliação da expressão percebida, com homens indicando maior percepção de receptividade nas faces femininas (PUNYANUNT-CARTER; WAGNER, 2019; CHOI; HUR. 2013; MOORE, 2002).

Os estudos sobre aproximação sexual e seleção de parceria entre indivíduos não heterossexuais, indicam que os critérios de atratividade são semelhantes em homens e mulheres

independente da orientação sexual. O comportamento não verbal no cortejamento é explorado sobretudo em estudos sobre o comportamento heterossexual nos mais variados campos científicos (antropologia natural e social, biologia, etologia, psicologia, teoria da aprendizagem, entre outras), havendo lacunas de informação na temática considerando diferentes orientações sexuais (VALENTOVA, *et al*, 2023; MOORE, 2010).

Nas últimas décadas houve crescimento da literatura científica acerca de casais homossexuais, no entanto, foram encontrados poucos estudos sobre reconhecimento de expressão facial com esta população. Nas situações clínicas as queixas relacionais de casais homossexuais são semelhantes à de casais heterossexuais, exceto as situações relativas ao preconceito e discriminação e especificidades da conjugalidade entre pessoas de mesmo sexo (OLIVEIRA, 2020). Valentova et al. (2023) apresentam estudos sobre a atratividade e seleção de parceria entre pessoas de mesmo sexo, concluindo que homens e mulheres valorizam aspectos semelhantes independente da orientação sexual, dados que ensejam a maior exploração sobre a percepção de receptividade sexual por expressão de face em indivíduos não heterossexuais.

Ainda sobre as discussões de diferenças sexuais no reconhecimento de expressões faciais, os hormônios sexuais são uma das variáveis dentre os marcadores biológicos diferentes entre os sexos, que podem incidir em diferenças perceptuais. São relatadas diferenças de ativação cortical em mulheres para faces femininas e masculinas a depender da fase do ciclo menstrual nas mulheres (GUAPO, 2013). Segue a apresentação dos dados referentes aos estudos sobre impactos da variação de hormônios sexuais na percepção feminina.

1.1.6. Hormônios sexuais e o reconhecimento de emoções por expressão de face

As alterações hormonais, após a puberdade, nas mulheres tem sido tema de interesse científico, com estudos abarcando todo o ciclo menstrual e impactos nas funções cognitivas e no processamento de emoções e recompensas. Muitos são os indícios de que as flutuações dos hormônios sexuais durante o ciclo menstrual têm impacto direto na vida social das mulheres, satisfação e saúde geral (MARFUL; PAOLIERI; BERNAL, 2021; KIMMING *et al*, 2021; HORNUNG; LEWIS; DERNTL, 2020; MUNK; ZOELLER; HENNIG, 2018; OSÓRIO *et al*, 2018; TOFFOLETTO *et al*, 2014; GAPO, 2013).

As flutuações na concentração de hormônios sexuais têm efeitos organizacionais e de ativação em várias áreas do cérebro humano e podem interagir com os sistemas de neurotransmissores. Os impactos da flutuação de hormônios sexuais femininos nas funções

cognitivas são menores que no processamento das emoções, que envolve componentes de atenção, reconhecimento e reatividade. Os prejuízos na precisão do reconhecimento emocional são associados à maior presença da progesterona na fase lútea, aumentando a agilidade de resposta a estímulos aversivos e memória emocional. As alterações hormonais podem mediar a percepção de estímulos sociais (HORNUNG; LEWIS; DERNTL, 2020; OSÓRIO *et al*, 2018).

O ciclo menstrual nas mulheres é reconhecido como um período com 28 dias de duração, dividido em cinco fases conforme as alterações hormonais: fase *folicular inicial*, compreende os 7 primeiros dias a partir do início da menstruação, com baixos níveis de estradiol e progesterona; a fase *folicular tardia* compreende os dias 8 a 10 após o início da menstruação, onde um aumento nos níveis de estradiol culmina em um pico de curta duração, que caracteriza a *fase pré-ovulatória*. Este pico de estradiol estimula a secreção de LH e FSH pela adenohipófise. O pico de LH é determinante para que haja a ovulação, durante 2 dias por volta do 12º dia. Após a liberação do ovócito na ovulação, há a formação do corpo lúteo, principal produtor de progesterona nos ovários, levando ao aumento de progesterona nos dias 14 a 22 do ciclo, correspondente à *fase lútea mediana*. Com a involução do corpo lúteo, há a *fase lútea tardia* que compreende o restante dos dias de 23 a 28 do ciclo menstrual, com a redução dos níveis de estradiol e progesterona nesse período (HORNUNG; LEWIS; DERNTL, 2020; 2020).

A utilização de contraceptivo hormonal (CH) por mulheres desde a década de 1970 foi um importante fator para mudanças sociais e sexuais femininas. Apesar da inconsistência sobre os dados relativos a possíveis prejuízos pelo uso de CH no passar dos anos, ele é utilizado em larga escala. Sendo incentivado pelas políticas públicas de saúde brasileira pela alta taxa de sucesso na prevenção à gravidez, a organização do ciclo para algumas mulheres, entre outros. Os relatos sobre maior satisfação sexual das mulheres em uso de CH se dão sobretudo pela segurança e autonomia na própria vida ao ter a escolha na concepção (HASEGAWA *et al*, 2022; MALTA *et al*, 2020; JUNQUEIRA; DE SÁ ROSA; DOS REIS, 2008).

Os contraceptivos em geral contém estradiol e/ou progestina que suprimem os níveis endógenos de estradiol e progesterona, previnem novos picos de FSH e LH, inibindo a ovulação e promovendo o efeito anticoncepcional. Ao interferir nos níveis de hormônios sexuais, a proposta e resultado da utilização de CH é a prevenção da gravidez. No entanto, outros efeitos são observados. As usuárias de CH relatam níveis mais baixos de lubrificação vaginal (pode causar dor genital) e/ou acne. A alteração dos hormônios sexuais femininos também está relacionada à redução do desejo sexual (FIURAŠKOVÁ *et al*, 2022; KIMMIG *et al*, 2021; OSÓRIO *et al*, 2018).

Os contraceptivos orais (CO) são constituídos de esteróides isolados ou compostos. Os CO combinados utilizam de mais de um dos esteróides, o mais comum é um estrogênio (designa um grupo de esteróides: estradiol, estriol e estrona) associado a um progestogênio (progesterona sintética) em dose igual. Os CO combinados podem ser: monofásicos, a dose dos esteróides é constante nos 21 ou 22 comprimidos da cartela; bifásicos, contêm dois tipos de comprimidos com os mesmos hormônios em proporções diferentes, e trifásicos: contêm três tipos de comprimidos ativos, de diferentes cores, os mesmos hormônios em proporções diferentes e devem ser ingeridos na ordem indicada. Há também a minipílula, que é um CO isolado constituída apenas por progestogênio, um sintético relativo à progesterona (BRASIL, 2002).

A natureza multifacetada da sexualidade feminina é influenciada por fatores fisiológicos, psicológicos e de relacionamento, cada um dos quais pode ser afetado pelo uso de contraceptivos. Entretanto, há preocupação dos profissionais em atentarem para efeitos adversos vivenciados por muitas mulheres, desde a falta de desejo até alterações cognitivas. (HASEGAWA *et al*, 2022; MALTA *et al*, 2020; OSÓRIO *et al*, 2018).

Segundo estudo sobre o desempenho em tarefas de atenção global-local, as variáveis sexo, ciclo menstrual, uso de contraceptivo, o grau de dificuldade da tarefa e a concentração dos hormônios sexuais, podem influenciar no processamento e desempenho das tarefas de atenção global-local (congruência e demandas de atenção: dividida-seletiva). As mulheres na fase lútea média do ciclo menstrual apresentam melhor desempenho de processamento local. (MARFUL; PAOLIERI; BERNAL, 2021).

Em estudo sobre reconhecimento de expressão facial de emoções complexas, não foram encontradas diferenças significativas entre grupos de mulheres com e sem uso de CO. Os autores sugerem que os efeitos relacionados ao CO podem ser complexos e mediados em vez de diretos, observaram que o estado afetivo provavelmente modula a probabilidade de as mulheres classificarem erroneamente uma expressão neutra como tristeza ou raiva (KIMMING *et al*, 2021). Estudos que relacionem o reconhecimento de emoções complexas utilizam em maior frequência estímulos de emoções complexas de autoconsciência, Segundo Benda e Scherf (2019) os bancos de imagens de expressão facial apresentam poucos itens que expressem emoções complexas sociais sexuais.

Baseando-se na hipótese de “congruência” hormonal: se uma mulher está ou não em uso de CO no início de um relacionamento e se mantém na mesma circunstância ao longo do tempo, a satisfação na relação seria maior (estado congruente), do que se ela parasse ou iniciasse uso de CO em algum momento (estado incongruente). No estudo de Fiurašková *et al*. (2022) os

pesquisadores concluíram que o uso de CO na formação do relacionamento indica maior satisfação em aspectos não sexuais do relacionamento no longo prazo. Logo, os hormônios sintéticos podem ser uma variável bioquímica que interfere na percepção e preferência sexual de mulheres.

A influência das variações hormonais exógenas e endógenas na emoção e na cognição são relatadas na literatura, embora tais observações não sejam conclusivas. As referências mais recentes indicam que flutuações hormonais têm um papel mais importante no reconhecimento de expressões emocionais do que a fase do ciclo menstrual. O uso de CO pode ser modulador na percepção de satisfação nos relacionamentos, preferências e escolha de parcerias. Mesmo sem dados bioquímicos dos participantes, observar o relato de mulheres com e sem uso de CO pode contribuir com evidências para o acervo científico nesse campo (HORNUNG; LEWIS; DERNTL; 2020; GUAPO, 2013).

1.1.7. Construção de instrumentos de avaliação em psicologia

As escalas de avaliação em psicologia e áreas afins são instrumentos cujo objetivo é operacionalizar para mensurar determinado fenômeno de natureza subjetiva. Além de contribuir com o trabalho clínico no que tange aos estudos, pesquisas de ordem clínica ou populacional, informação sobre o indivíduo para rastreamento ou composição de avaliação diagnóstica, servem sobretudo para propiciar a reflexão e autoconsciência contingenciais que controlam o comportamento do próprio indivíduo (TEIXEIRA; ASSUMPCÃO, 2021).

Apresentar objetivamente os fenômenos subjetivos exige inicialmente sua descrição conceitual, exploração de comportamentos internos ou externos ao indivíduo que são representativos de tal fenômeno. Segundo a orientação teórica e metodológica para construção de escalas, são realizadas três etapas de trabalho: I. Procedimentos teóricos e elaboração dos itens; II. Evidência de validade interna; e III. Evidência de validade externa (PASQUALI, 2010).

A primeira etapa refere-se ao estudo e levantamento de informações teóricas, estudos e instrumentos, relativos ao fenômeno, construto ou traço latente que se pretende medir, de modo a especificar quais categorias comportamentais representam o objeto psicológico a ser medido e a operacionalização do construto em itens “se constitui uma hipótese empírica representando um traço latente” (PASQUALI, 2010, p, 52).

Os critérios de validade interna para uma escala ser considerada adequada ao uso, iniciam por determinar se ela mede o que pretende. Nesse sentido são realizados vários

procedimentos, que Pasquali (2010) especifica como 12 critérios a serem observados: critério comportamental; critério de objetividade; critério da simplicidade; critério da clareza; critério da relevância; critério de precisão; critério de credibilidade; e critério do equilíbrio e amplitude quanto a todo o instrumento. O critério de variedade é específico sobre linguagem verbal, critério de modalidade se refere a expressões verbais extremadas, critério de tipicidade se refere a expressões verbais comuns.

Pasqualli (2017a) discute quanto a existência de diversas nomenclaturas e atividades para validade de critério dos instrumentos, enfatizando a necessidade de se observar o construto, fenômeno psicológico a ser medido, em detrimento das interpretações de resultados. Tema este também defendido por Urbina (2007).

Uma das formas de avaliar se um instrumento é fidedigno, verificar se os itens são pertinentes e interrelacionados é a análise do coeficiente de Alfa de Cronbach. Quanto mais próximo a um (1) e menor variância na avaliação dos itens, maior a consistência interna do teste, portanto mais preciso. A variabilidade de amostra de participantes pode interferir nos dados de fidedignidade, quanto maior e variada a amostra, mais dados existem para suportar a fidedignidade do instrumento (PASQUALI, 2010, 2017).

A padronização do teste se refere a forma de aplicação, que o material e procedimentos sejam uniformes na replicação, para então ser possível comparar resultados. Nesse sentido os instrumentos devem passar por processos de adaptação na aplicação quando ocorre alguma alteração seja no conteúdo ou procedimento de aplicação do instrumento. A normatização é referente aos padrões de interpretação dos dados (PASQUALI, 2010).

Quando um instrumento apresenta comprovação de validade interna, em geral seguem os estudos para levantamento de evidências de validade externa. Os estudos de validade externa mais frequentes levantam dados de correlação entre o instrumento em estudo e outro instrumento já validado e em uso, que medem o mesmo construto. No entanto, poucos construtos apresentam variações de instrumentos já testados e validados, que podem ser utilizados para validade concorrente (PASQUALI, 2017b).

Assim, quando os resultados ou escores do instrumento são correlacionados a outras medidas ou variáveis de fundo (diversidade de situações), sobretudo possíveis resultados por faixa etária, entre outras variáveis com amostras de participantes de representatividade nacional são construídas normas ou padrões de resposta por representatividade (PASQUALI, 2010, 2017b; URBINA, 2007).

1.1.8. Adaptação de instrumentos para aplicação *on-line*

No Brasil, sobretudo nas três últimas décadas, estudiosos da psicologia vêm investigando a eficácia das intervenções psicológicas em meio *on-line*, que modificam a concepção de *setting* terapêutico e contrato. As normativas foram revistas com a situação de pandemia pela Covid-19 no ano de 2020. O isolamento social incitou uma medida urgente para manter o trabalho clínico, facilitando e incentivando intervenções psicológicas *on-line*, de modo a atender as demandas de profissionais e pacientes, além das novas situações em saúde mental suscitadas pela pandemia (SILVA, 2022; SCORTEGAGNA *et al*, 2022; BITTENCOURT *et al*, 2020).

Os estudos de eficácia sobre a temática da psicoterapia *on-line* até 2020 indicavam o crescimento da modalidade, afirmando que o sucesso do trabalho psicoterapêutico não estava relacionado a forma (presencial ou *on-line*) e tecnologia para o atendimento, mas a “habilidade do psicólogo e à implicação e motivação do paciente no seu tratamento” (BITTENCOURT *et al*, 2020, p.44)

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) orienta processos de avaliação em psicologia por meio de testes psicológicos padronizados e normatizados, também para uso *on-line*. O volume de testes autorizados em formato digital no país é pequeno “dos 157 testes autorizados pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), apenas 4 (2,54%) são próprios para aplicação em formato digital”, indicando um déficit importante nesse campo” (SCORTEGAGNA *et al*, 2022).

As discussões acerca do uso das tecnologias digitais nas intervenções em psicologia vêm se desenvolvendo em diversos espaços, em um crescente de publicações desde a década de 1980, com pesquisas empíricas focadas nas diferentes modalidades terapêuticas, grupos específicos por demanda em saúde e ciclo de vida. O recente isolamento social pela pandemia de Covid-19 acelerou esse processo, exigindo de acadêmicos e instituições públicas o foco e a orientação em direção à temática. São unânimes nas pesquisas as recomendações de ampliação dos estudos para desenvolvimento e validação destas tecnologias (FERREIRA-DE-LIMA *et al*, 2022; JOLY *et al*, 2005).

Os autores sugerem que “instrumentos consolidados em aplicações presenciais possam ser estudados quanto às suas equivalências para serem utilizados remotamente, de maneira síncrona”, sendo necessária apresentação de evidências de validade da utilização digital dos instrumentos, visto que pode não haver equivalência na forma de aplicação (SCORTEGAGNA *et al*, 2022).

Em estudo de revisão Ramos e Costa (2021) relataram duas tendências nas publicações brasileiras sobre a informatização dos testes psicológicos: adaptação/validade de testes novos ou já validados para uso manual/presencial, e implementação teórico-prática de testes informatizados já validados. Ressaltam a necessidade de uma melhor nomenclatura de especificidade, visto serem chamados testes informatizados ou computadorizados, e testes de aplicação *on-line*, que são significativamente diferentes entre si, não se tratando apenas de uma variável diferente (forma de aplicação).

No estudo brasileiro de revisão de literatura de instrumentos psicológicos informatizados, Alchieri e Urquijo (2022) observam que os instrumentos encontrados na pesquisa, todos com estudos de validade iniciais, não são disponibilizados para uso de profissionais. Discorrem sobre a necessidade de validação com grupos regionais de modo a termos instrumentos eficientes para o território nacional, pesquisas que demandam recursos e investimentos.

Um dos argumentos a favor da construção e uso de testagem *on-line* é a facilidade de acesso a alguns tipos de informações (JOLY *et al*, 2005). No estudo chinês de validação transcultural de uma escala sobre comportamentos e atitudes sexuais (*Sexual Attitudes Scale*, com aplicação manual/presencial em outros estudos) de homens solteiros, a pesquisa foi realizada por meio de questionário *on-line* e a escala apresentou boa consistência interna para a população do estudo no formato *on-line* de aplicação. Segundo os autores o formato de aplicação facilitou acesso à amostra, em vista do amplo acesso da população a internet e porque o tema sexualidade não é facilmente discutido. Contudo, as mesmas variáveis facilitadoras podem criar um viés de amostra, com voluntários mais flexíveis e propensos a discutir a temática (HE *et al*, 2010).

Em estudo italiano sobre evidências de validade de uma escala sobre empatia, Di Girolamo *et al*. (2017) encontraram similaridade na consistência interna da escala em aplicação manual/presencial e aplicação *on-line* (por meio de formulário *on-line* ou *survey*) e divulgação em mídias sociais. O formato de aplicação *on-line* apresentou maiores pontuações (Teste T = $p > 0,05\%$). Os autores sugerem que o viés de autosseleção (aceite dos diferentes formatos de convite para participar da pesquisa) tenha maior impacto nos resultados que a heterogeneidade da amostra. Sugerem avaliação e controle de outras variáveis socioeconômicas em futuras pesquisas.

Na validação alemã da *German Regulatory Focus Questionnaire* (RFQ), a escala inglesa foi aplicada por meio de questionário *on-line*. Mesmo com subtração de itens, a escala se mostrou consistente e válida para a população de estudo. Os autores indicam a

heterogeneidade de amostra por questões sociodemográficas e maior presença de mulheres como limitações do estudo, sugerindo futuras pesquisas com amostras mais representativas. No entanto, não discutem a forma de aplicação como possível variável nos resultados (SCHMALBACH, *et al*, 2017).

A prática de validação transcultural de escalas verbais escritas, via uso de formulários *on-line* vem ocorrendo nas últimas décadas com bons resultados psicométricos, mas os diferentes formatos de aplicação não aparecem como item de discussão em diversos estudos (PETERSEN *et al*, 2019; SCHMALBACH, *et al*, 2017). No estudo de validade da escala de qualidade de vida de crianças e adolescentes dinamarqueses (*Child Health Utility 9D-DK*), a aplicação do instrumento ocorreu em meio *on-line*, a escala apresentou boas propriedades psicométricas para validade de construto ($\alpha > 0,80$) e convergente (PETERSEN *et al*, 2019).

Pesquisas brasileiras em psicologia vêm testando a equivalência na forma de aplicação *on-line* e manual/presencial de escalas verbais e apresentam resultados satisfatórios, indicando que a forma de aplicação de escalas não altera a confiabilidade no instrumento, ainda que não sejam totalmente equivalentes (ALMEIDA LINS *et al*, 2022; SOUZA JÚNIOR *et al*, 2022; FERRÃO; DE ANDRADE; DA SILVA, 2019; PEREIRA; FERREIRA; VALENTINI, 2018).

Os instrumentos construídos para aplicação *on-line* permitem a utilização de diversidade de estímulos: auditivo, visual, dinâmico, cores, entre outros. Dentre os instrumentos construídos e validados para aplicação *on-line*, temos o teste de Percepção de Emoções Primárias (PEP) composto por 38 vídeos de pessoas expressando emoções. O vídeo pode ser assistido diversas vezes, para assinalar quais das emoções está presente: “alegria, amor, medo, surpresa, tristeza, nojo, raiva e curiosidade”, e a emoção é “uma expressão autêntica ou falseada” (MIGUEL; PRIMI, 2014). Os testes construídos e válidos para aplicação via internet, também precisam de estudos de validação ou adaptação para aplicação manual/presencial (MIGUEL *et al*, 2018; SCORTEGAGNA *et al*, 2022).

No estudo de construção da escala RSEF (TEIXEIRA, 2017) as variáveis tempo de exposição da imagem e resposta foram controladas. Cada imagem era exposta por 10 segundos, conforme cronômetro. A pesquisadora informava a mudança de imagem dizendo em voz alta o número da próxima imagem e todas as aplicações foram coletivas e presenciais. A aplicação manual/presencial, mesmo com uso de tecnologia (computador e apresentação de imagens por programa Power-point) permite o controle de uma série de variáveis.

São muitas variáveis a serem consideradas no desenvolvimento da pesquisa sobre o uso das tecnologias digitais e sua equivalência nas intervenções em psicologia: tamanho de tela, luminosidade, entre outros (SCORTEGAGNA *et al*, 2022). Para testar a viabilidade de

aplicação da RSEF em modo *on-line* não foi possível controlar as variáveis de tempo, diferença de espaço, modo de sinalizar respostas, entre outras. No entanto este estudo se justifica pela possibilidade de verificar se mesmo sem o controle de inúmeras variáveis a escala RSEF é consistente e recomendada para aplicação *on-line*, o que ante todo o exposto até aqui, contribui com a prática psicológica em diversos campos, e as discussões sobre a variável sexo no reconhecimento de emoções por expressão facial.

Observar evidências de que instrumentos construídos a partir da aplicação manual/presencial, possam ser utilizados em meio *on-line*, contribui para otimizar a construção de instrumentos para avaliação e intervenção psicológica no trabalho clínico em meio *on-line* síncrono, atividade que cresceu em volume sobretudo desde o ano de 2020 com o isolamento social imposto ante a pandemia por Covid-19.

Testar a validade interna de um instrumento controlando uma variável orgânica e outra subjetiva, pode contribuir com o conhecimento relativo as diferentes variáveis que afetam o comportamento ante o construto avaliado. Questionamos se o uso de contraceptivo oral pode alterar a percepção feminina de expressão facial de emoção complexa social sexual. Seria possível que a orientação sexual modula essa percepção? Este trabalho dá continuidade ao processo de construção da escala RSEF buscando adaptá-la para uso *on-line*.

2. OBJETIVO

Verificar a viabilidade da adaptação e equivalência da escala de receptividade sexual por expressão de face em aplicação *on-line*.

2.1. Objetivos Específicos

Observar possíveis diferenças de percepção entre indivíduos não heterossexuais.

Observar possíveis diferenças de percepção entre mulheres heterossexuais em uso de contraceptivo oral (CO).

2.2. Hipóteses

A aplicação *on-line* e sem controle de tempo de exibição das imagens, não altera de modo significativo a avaliação dos voluntários quanto à concordância de receptividade sexual nas imagens.

Indivíduos não heterossexuais não apresentarão avaliação diversa do grupo de estudo da construção do instrumento, composto apenas de indivíduos heterossexuais.

Diante da inconsistência dos dados presentes na literatura, nossa hipótese é de que o uso de CO pode afetar a percepção de receptividade sexual por expressão de face na avaliação de mulheres.

3. MÉTODO

3.1. Participantes

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, em amostra de conveniência.

Grupo I - Participaram deste estudo 257 homens e mulheres maiores de 18 anos (N=257; 186 mulheres e 71 homens), que assentiram e preencheram o formulário por meio *on-line*, com orientação heterossexual indicada e cisgênero (Tabela 1).

Grupo II – N = 36 mulheres com orientação não heterossexual indicada, incluídas as voluntárias que indicaram orientação homossexual e bissexual.

Grupo III – N= 30 mulheres com orientação heterossexual indicada, que informaram uso de contraceptivo oral (CO). O grupo controle foi composto pelas mulheres participantes que informaram não fazer uso nenhum tipo de contraceptivo hormonal (N=105).

3.2. Instrumentos

Escala de Receptividade Sexual por Expressão de Face - RSEF (Teixeira & Assumpção, Jr., 2021). Composto de 50 imagens, 25 de uma face masculina e 25 de uma face feminina, em diferentes expressões de receptividade sexual. Os participantes devem indicar sua concordância quanto a receptividade sexual na imagem por meio de uma escala tipo Likert de 7 pontos (DT - Discordo Totalmente; D - Discordo; DP - Discordo Pouco; NC/ND - Nem Concordo/Nem Discordo; CP - Concordo Pouco; C - Concordo; CT - Concordo Totalmente). Questionário de caracterização sociodemográfica, contendo questões sobre: idade, escolaridade, estado civil, orientação sexual, trabalho, uso de contraceptivo, tipo e período do ciclo menstrual. Itens inclusos no formulário, a ser respondido antes da apresentação da RSEF (Anexo B).

A escala de Receptividade Sexual por Expressão de Face (ERSEF) é um instrumento composto por imagens de faces, de um homem e uma mulher, com fotografias realizadas em ambiente controlado, sem manipulação da imagem por meio de *software* (TEIXEIRA, 2017).

As 107 imagens de face tiveram por base as referências pessoais dos modelos em relação ao que compreendem por expressão de receptividade sexual, a partir da orientação da pesquisadora, o que permite maior possibilidade de aproximação cultural desse comportamento. Benda e Scherf (2020) discutem que trabalhar com imagens de apenas dois modelos, um homem e uma mulher, pode limitar a compreensão das expressões faciais, podendo estas se relacionar a aspectos específicos dos modelos. Assim, não são possíveis

maiores generalizações, não se supõem que os modelos sejam representativos de toda a população brasileira, apenas parte dela (TEIXEIRA; ASSUMPCÃO JR., 2021).

As imagens foram validadas quanto ao conteúdo por meio de juízes (N=12, psicólogos e psiquiatras clínicos) e grupos teste (N=527) compostos de homens e mulheres com orientação heterossexual. O Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) é um índice que mede e avalia não apenas a concordância, mas também a validade de conteúdo do instrumento total e para cada item, o que em muito contribui para a construção e revisão de instrumentos. A avaliação é realizada em pontuação de 0,0 a 1,0, quanto mais próximo de um, maior a validade. Para estimar o CVC, utilizamos a soma do total de respostas dado pelos juízes para cada item, dividido pelo número de juízes e o valor máximo possível de avaliação, subtraindo o cálculo do erro (Pei) para descontar vieses entre os avaliadores para cada item. Na primeira fase de estudo, com a avaliação de juízes foram selecionadas 50 imagens (MORALES; GRECO; ANDRADE, 2012; HERNÁNDEZ-NIETO, 2002).

O CVC foi calculado para o grupo teste relativo às avaliações das 50 imagens (Anexo C). Composta por 50 imagens, 25 masculinas e 25 femininas, a ERSEF apresentou índices aceitáveis de concordância entre avaliadores, juízes e grupo teste (CVC \leq 0,58 de concordância com receptividade sexual nos 50 itens). Na Figura 1 estão apresentadas as imagens masculinas e femininas com maior e menor concordância de que apresentam receptividade sexual (MORALES; GRECO; ANDRADE, 2012; HERNÁNDEZ-NIETO, 2002).

Figura 1 - Amostra de imagens selecionadas para compor o instrumento final, com maior e menor índices de CVC por sexo.



*Construído pela autora.

Os itens que compõem a escala (N=50) apresentaram distribuição nos sete pontos de avaliação da escala Likert utilizada, mesmo aquelas com maior frequência em concordância apresentaram alguma percentagem de discordância e de avaliações neutras. Para efeito de intensidade de concordância quanto à receptividade sexual na imagem foram observados os

totais de pontuações na escala, ajustando o ponto quatro para zero ($4=0$), utilizando a seguinte escala para soma e construção de médias: 0,1,2,3,5,6,7, (TEIXEIRA, 2017).

As médias de avaliação para o conjunto de 50 imagens não apresentaram diferenças significativas (teste t com $p > 0,05\%$) por sexo do avaliador e do ator na imagem. A validade de conteúdo da escala foi evidenciada com bons índices de consistência interna, ou seja, os itens são correlacionados e representativos do construto em avaliação, se observados por sexo do avaliador e da imagem ($0,79 \geq \alpha \leq 0,90$). Os coeficientes de Alfa de Cronbach não são alterados em caso de subtração de qualquer item, a escala é confiável para medir o construto em estudo (TEIXEIRA, 2017).

No estudo de validade de critério da escala de RSEF, o sexo do avaliador e da imagem não apresenta diferença significativa nos resultados, embora seja observada maior média de concordância com a presença de receptividade sexual nas imagens femininas, sobretudo na avaliação de homens. A faixa etária, escolaridade e estado civil dos participantes não impactou nas avaliações de modo significativo (TEIXEIRA; ASSUMPCÃO JR., 2021; TEIXEIRA, 2017; PASQUALI, 2017a).

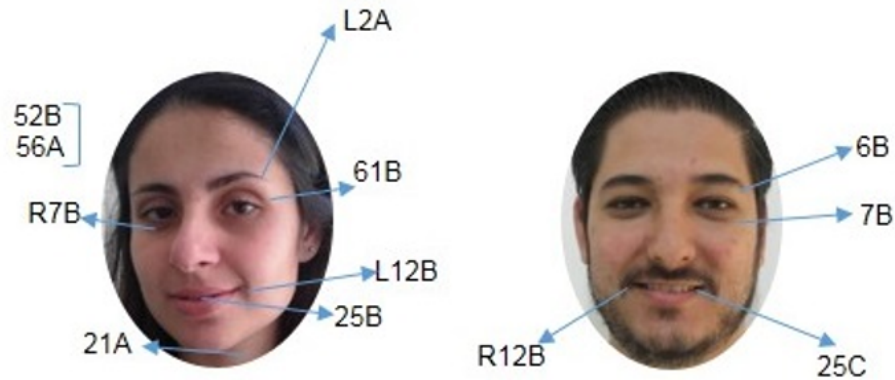
Na construção do instrumento foram discutidas algumas dificuldades na orientação teórica de construção de instrumentos em psicologia com uso de imagens. Para outras evidências de validade de conteúdo, com base nos estudos de codificação facial proposta por Ekman, Friesen e Hager (2002), cuja primeira versão do Facial Action Coding System (FACS) foi publicada ao final da década de setenta.

O FACS codifica 44 ações de conjuntos musculares da face, envolvidos nas expressões faciais humanas, chamados Unidades de Ação (Action Units - AU), são descritores de ação muscular. Cada AU representa uma atividade muscular específica que produz determinada alteração na expressão da face. Em sua maioria, as AUs podem se referir à alteração de um único ou um conjunto de músculos faciais. A face é observada em partes: a face superior, a face inferior, em cima/em baixo, horizontal, oblíqua, orbital e ações diversas (EKMAN, 2011; EKMAN; FRIESEN; HAGER, 2002).

As 50 imagens foram submetidas à codificação por dois especialistas, no FACS. A codificação das imagens foi observada com base nos protótipos de emoções básicas e suas variantes. Em 96% das imagens de face do instrumento, há expressividade nas AUs relativas ao protótipo para emoção de alegria, reconhecida por facilitar a interação social. Das emoções básicas avaliadas pelo FACS, foram observadas AUs referentes a protótipos para aversão e desprezo. Tais dados são consistentes com a literatura que indica um processo ambíguo no cortejamento, assim a receptividade sexual é uma emoção complexa, com base na expressão de

alegria, indicativa de abertura ao contato social, mas também expressa com alguma ambiguidade com a presença de indicadores de ironia e aversão (TEIXEIRA; ASSUMPCÃO JR., 2020).

Figura 2 - Amostra de imagens com as respectivas Aus indicadas.



Fonte: TEIXEIRA; ASSUMPCÃO JR. (2020).

Algumas das imagens femininas que compõem o instrumento são topograficamente semelhantes a imagens utilizadas em estudos de reconhecimento de emoções complexas denominadas de flerte (com a presença de assimetria facial, sorriso e olhar direto). Nesta proposta de estudo a receptividade sexual como uma emoção motivadora ao contato humano, comporta expressões discretas ou mais abertas e autoconscientes como o flerte (HAJ-MOHAMADI; GILLATH; ROSENBERG, 2021; BENDA; SCHERF 2020; MOTTA-MENA; SCHERF, 2017).

Para 43 das 50 imagens, foi pontuada a manifestação da AU12 em diferente intensidade e assimetrias. Esta unidade de ação se refere ao sorriso, é prototípica para reconhecimento de alegria. As imagens do instrumento com maior ativação muscular da AU12, foram aquelas com maior concordância quanto à receptividade sexual. Considerando que a percepção enquanto função cognitiva integra uma série de aspectos do indivíduo (filogenia e ontogenia), ambiental e contextual, possivelmente as imagens com maior intensidade de expressão são aquelas com menor interferência da subjetividade pessoal na avaliação (HEHMAN *et al*, 2017).

A escala de RSEF se mostrou um instrumento válido para verificar a percepção de receptividade sexual, ainda que com as ressalvas e limites, visto o grupo de estudo ser uma amostra de conveniência da população na cidade de São Paulo. Por tratar-se de uma amostra heterogênea, com voluntários em aplicação presencial e em grupo, não é possível discutir quanto à validade externa do instrumento.

3.3. Procedimento

Os participantes foram convidados por meio de diversas mídias sociais e divulgação institucional do convite para pesquisa via formulário Google (<https://forms.gle/CU4YxT2Q3DBsazPz7>). Todos cadastraram um e-mail válido em concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo B), que poderia ser salvo em arquivo de formato pdf.

A orientação para avaliação das imagens ocorreu por texto antes da exibição da primeira imagem:

“Em nosso estudo queremos entender quais imagens de face demonstram que a pessoa na fotografia está receptiva à aproximação de alguém, “*dá para chegar junto*”, não avalie se você gosta ou não da pessoa que você vê. Avalie em cada imagem o quanto você acredita que a pessoa na fotografia está receptiva sexualmente. Se alguém quisesse se aproximar ela estaria aberta? Avalie apenas o quanto concorda se a expressão no rosto está receptiva sexualmente. Se considerar a pessoa na foto bonita ou atraente nesta pesquisa é irrelevante”.

Na aplicação presencial da escala foi utilizada a mesma orientação descrita acima, com algumas diferenças da aplicação *on-line*: foram controlados tempo de exibição da imagem, 10 segundos para observar e assinalar resposta; as imagens foram projetadas em telão ou tela de computador; os participantes assinalaram as respostas numa folha de respostas. Na aplicação *on-line* não houve controle de tempo de exibição ou respostas; a escala de avaliação aparecia na tela do computador ao lado da imagem, e com o mouse o voluntário selecionaria a resposta.

Foi critério de exclusão indivíduos menores de 18 anos, ou que não concluíram o formulário. Para verificar similaridade de resultados na aplicação por meio *on-line* e manual/presencial, foram utilizados os dados referentes ao estudo de construção do instrumento, incluindo dados não apresentados sobre amostra de mulheres que indicaram orientação não heterossexual (TEIXEIRA, 2017).

3.4. Aspectos Éticos

O estudo atende aos cuidados necessários em pesquisas com seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEP do IPUSP, parecer número 5.507.623 e CAAE 88199218900005561, Anexo A), sendo o projeto condizente com as normas da Declaração de Helsinki, o estudo oferece baixo risco aos voluntários participantes.

3.5. Plano de Análise de Dados

Os dados amostrais foram descritos em termos de frequência, média, mínimo, máximo, desvio padrão e variância. Foram aplicados o teste F de Fisher para verificar a igualdade das variâncias e para verificação de diferença nas variâncias (de modo a realizar a melhor escolha de como executar o teste T de Student, foi realizado o teste F bilateral, com Alfa de 0,05). Teste T de Student para comparação da média dos grupos (duas amostras independentes), o resultado do teste comprova se as médias são iguais entre os grupos e rejeitando ou não a hipótese inicial do estudo. Consideramos a independência dos elementos, população com distribuição normal, diferença de variâncias e normalidade de resíduos (MEYER,1983; PASQUALI, 2010; 2017a; 2017b).

Com o objetivo de aprofundar as análises realizou-se um teste de hipóteses. Os testes de hipótese constituem uma forma de inferência estatística, foi utilizado o ANOVA, verificando se a variância em torno das médias é igual ou diferente considerando Alfa de 0,05, com $p > 0,05$ (para grupo de homens heterossexuais; mulheres hetero e não heterossexuais). Foram desconsiderados dados duplicados, dados com inconsistência e outlier.

Para as análises estatísticas foi utilizado o *R-Studio*, que é uma linguagem de programação com a licença para uso livre, conjunto integrado de recursos de software para manipulação de dados, cálculo e exibição gráfica (Software R 4.2.2, rcmdr, psych, dplyr e rstatix [R CORE TEAM et al, 2013]).

4. RESULTADOS

4.1. Adaptação e equivalência da ERSEF em aplicação *on-line*.

O grupo de participantes com orientação heterossexual (GrTotal = 257) foi heterogêneo na composição, 186 são mulheres (72,37%; Média = 40 anos de idade com DP de 12,1 anos), 62 (33,3%) são solteiras, 79 (42,5%) casadas, 21 (11,3%) divorciadas e 24 (12,9%) com união estável e outros. Predominantemente com pós-graduação 95 (51,1%), quanto a renda 15 (8,1%) se declaram sem renda, 46(24,7%) com até 1 salário, 50 (26,9%) de 1 a 3 salário, 59 (31,7%) de 4 a 8 e 16 salários mínimos (8,6%) com mais de 8 salários mínimos, 100 participantes são assalariados /empregadas (53,8%). Quanto aos 71 homens (27,63%; Média = 34 anos de idade com DP 12,4 anos), em sua maioria solteiros 41(57,7%), quanto ao maior volume em escolaridade se tem 30 (42,2%) com Formação Técnica e 19 (26,8%) sem informação, dos quais 22 (31,0%) recebem até 1 salário-mínimo e 19 (26,8%) entre 4 e 8 salários mínimos, 37 participantes são assalariados /empregadas (52,1% [Tabela 1]).

Tabela 1 - Apresenta caracterização sociodemográfica dos participantes em aplicação *on-line*.

| Classificação | Homens Hetero | | Mulheres Hetero | | Mulheres Não Hetero | | |
|---------------|--------------------------|-------|-----------------|-------|---------------------|-----|-------|
| | N | % | N | % | N | % | |
| Participantes | 71 | 27,63 | 186 | 72,38 | 36 | 100 | |
| Idade | Média | 34 | 40 | | 26,8 | | |
| | Desvio Padrão | 12,4 | 12,1 | | 6,9 | | |
| | Solteiro | 41 | 57,75 | 62 | 33,33 | 25 | 69,45 |
| Estado Civil | Casado | 21 | 29,58 | 79 | 42,47 | 2 | 5,56 |
| | Divorciado | 4 | 5,63 | 21 | 11,29 | 1 | 2,78 |
| | União Estável e outros | 5 | 7,04 | 24 | 12,9 | 8 | 22,23 |
| Escolaridade | E. Fundamental | 1 | 1,4 | 2 | 1,08 | 0 | 0 |
| | E. Médio | 3 | 4,23 | 8 | 4,3 | 6 | 16,67 |
| | F. Técnico | 30 | 42,25 | 58 | 31,18 | 0 | 0 |
| | F. Superior | 5 | 7,04 | 2 | 1,08 | 18 | 50 |
| | Pós-graduação | 13 | 18,31 | 95 | 51,08 | 7 | 19,45 |
| Renda | Sem Informação | 19 | 26,76 | 21 | 11,29 | 5 | 13,89 |
| | Sem Renda | 6 | 8,45 | 15 | 8,06 | 5 | 13,89 |
| | Até 01 salário mínimo | 22 | 30,99 | 46 | 24,73 | 8 | 22,23 |
| | De 01 a 03 salários mín. | 13 | 18,31 | 50 | 26,88 | 12 | 33,34 |
| | De 04 a 08 salários mín. | 19 | 26,76 | 59 | 31,72 | 11 | 30,56 |
| Trabalho | Mais de 08 salários mín. | 11 | 15,49 | 16 | 8,6 | 0 | 0 |
| | Assalariado/empregado | 37 | 52,11 | 100 | 53,76 | 23 | 63,89 |
| | Conta própria | 13 | 18,31 | 62 | 33,33 | 5 | 13,89 |
| | Empregador | 6 | 8,45 | 4 | 2,15 | 1 | 2,78 |
| | Não trabalha | 15 | 21,13 | 20 | 10,75 | 7 | 19,45 |

* Para realizar a média e o DP das idades, na última faixa estudada, 60 anos ou mais, limitamos o teto de idade em 70 anos.

O grupo de participantes mulheres com orientação não heterossexual foi assim denominado, agrupando as participantes que indicaram outras definições de orientação sexual (bissexual e homossexual). O GrMNH foi composto por 36 mulheres não heterossexuais (Média= 31,1 e DP de 9,1 anos de idade), 19(63,33%) são solteiras, 08(26,67%) casadas e, 03(10%) com união estável e outros. Predominantemente com pós-graduação 16 (53,33%), quanto a renda 03 (10%) se declaram sem renda, 04 (13,33%) com até 1 salário, 12 (40%) de 1 a 3 salários, 07 (23,34%) de 4 a 8 e 04 (13,33%) com mais de 8 salários mínimos, em sua maioria assalariadas/empregadas 17 (56,67% [Tabela 1]). Não serão apresentados dados referentes a homens com orientação não heterossexual devido ao baixo número de participantes, foram excluídos deste estudo.

Para os 50 itens da escala as médias segundo GrTotal foram: 165,52 (mín. 50 e máx. 349; DP 15,87; Variância 251,76) e para o GrM, 165,76 (mín. 50 e máx. 349; DP 15,85; Variância 251,12). Para o GrH foi de 164,90 (mín. 53 e máx. 341; DP 15,85; Variância 251,18). O teste F, com 95% de confiança, não rejeita a hipótese de que as variâncias são iguais ($F=0,29$), a um nível de significância Alfa = 5%. Dada a rejeição das variâncias, a avaliação com o teste T (95% de confiança), com H_0 de igualdade das médias ($T=0,91$), assim não se rejeita a hipótese de igualdade das médias, a um alfa de 5%. Em outras palavras, não é possível afirmar estatisticamente com 95% de confiança que existe diferença entre as médias da avaliação de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens sendo sexo do avaliador (Tabela 2).

Tabela 2 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual das imagens em aplicação *on-line*.

| Grupo | N Imagem | Média | Mínimo | Máximo | DP | Variância |
|----------------------|----------|--------|--------|--------|-------|-----------|
| GrTotal | 50 | 165,52 | 50,00 | 349,00 | 15,87 | 251,76 |
| GrM | 50 | 165,76 | 50,00 | 349,00 | 15,85 | 251,12 |
| GrH | 50 | 164,90 | 53,00 | 341,00 | 15,85 | 251,18 |
| Imagens F femininas | | | | | | |
| GrTotal | 25 | 83,33 | 25,00 | 175,00 | 11,48 | 131,70 |
| GrM | 25 | 83,16 | 25,00 | 175,00 | 11,43 | 130,63 |
| GrH | 25 | 83,76 | 26,00 | 174,00 | 11,49 | 131,99 |
| Imagens M masculinas | | | | | | |
| GrTotal | 25 | 82,19 | 25,00 | 174,00 | 10,96 | 120,05 |
| GrM | 25 | 82,60 | 25,00 | 174,00 | 10,98 | 120,49 |
| GrH | 25 | 81,14 | 27,00 | 167,00 | 10,92 | 119,19 |

A média segundo GrTotal para as 25 de imagens femininas da escala foi 83,33 (mín. 25 e máx. 175; DP 11,48; Variância 141,70). Para o GrM foi 83,16 (mín. 25 e máx. 175; DP 11,43; Variância 130,63). No GrH foi 83,76 (mín. 26 e máx. 174; DP 11,49; Variância 131,99). O teste

F, com 95% de confiança, não rejeita a hipótese de que as variâncias são iguais ($F=0,23$), a um nível de significância Alfa 5%. Na avaliação com o teste T (95% de confiança), considerada H_0 de igualdade das médias ($T=0,90$, com alfa de 5%, e 95% de confiança). Não é possível afirmar que exista diferença nas médias da avaliação de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens femininas segundo o sexo do avaliador (Tabela 2).

Na avaliação dos itens de 25 de imagens masculinas segundo GrTotal ($M= 82,19$; mín. 25 e máx. 174; DP 10,96; Variância 120,05); no GrM ($M=82,60$; mín. 25 e máx. 174; DP 10,98; Variância 120,49) e no GrH ($M=81,14$, mín. 27 e máx. 167; DP 10,92; Variância 119,19), segundo o teste F, com 95% de confiança, não rejeita a hipótese de que as variâncias são iguais ($F=0,94$), a um nível de significância Alfa 5%. Verificando H_0 de igualdade das médias por meio do teste T ($T=0,80$, com 95% de confiança, alfa de 5%). Não é possível afirmar que exista diferença entre as médias da avaliação de concordância quanto a receptividade sexual nos 25 itens de imagens masculinas, logo, não se rejeita H_0 , homens e mulheres têm percepção semelhante quanto a receptividade sexual nas imagens masculinas e femininas (Tabela 2).

Figura 3- Imagens cuja avaliação *on-line* apresentou diferença significativa na concordância entre homens e mulheres quanto à expressão de receptividade sexual.



Nota: As imagens 7; 14 e 17 tiveram médias maiores atribuídas pelas mulheres respondentes e as imagens 4; 15; 20 e 22 tiveram médias maiores atribuídas pelos homens respondentes. Fonte: Teixeira & Assumpção Jr. 2020.

Para a escala num todo e no conjunto de imagens por sexo, não foram encontradas diferenças significativas na média de avaliações por sexo do avaliador. Entretanto, dentre o conjunto de itens com imagens masculinas (teste T com alfa 0,05%), houve diferença

significativa na avaliação para 07 imagens, sendo três delas (M7 = 0,027, M14 = 0,01 e H17 = 0,023) com médias maiores atribuídas pelas mulheres respondentes e outras quatro (M4 = 0,047, M15 = 0,034, M20 = 0,021 e M22 = 0,012) com médias maiores atribuídas pelos homens respondentes (Figura 3).

A escala RSEF aplicada em meio *on-line* apresentou ótima consistência interna (Alfa de Crombach = 0,90) segundo a avaliação da amostra deste estudo, evidenciando que a escala aplicada em meio *on-line* é viável e equivalente a aplicação manual/presencial quanto a validade de conteúdo (TEIXEIRA, 2017).

4.2. Avaliação das imagens conforme meio e forma de aplicação: *on-line* e manual/presencial

A hipótese de equivalência em aplicação *on-line* e manual/presencial da RSEF, foi testada com uso dos dados da amostra que compôs o estudo de construção do instrumento (Teixeira, 2017).

Tabela 3 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens por sexo e forma de aplicação.

| | Grupo | N Imagem | Média | Mínimo | Máximo | DP | Variância |
|--------------------|-------|----------|--------|--------|--------|-------|-----------|
| Manual | GrT | 50 | 184,70 | 50,00 | 350,00 | 16,42 | 269,78 |
| | GrM | 50 | 186,39 | 50,00 | 350,00 | 16,28 | 265,11 |
| | GrH | 50 | 183,00 | 50,00 | 350,00 | 16,41 | 269,20 |
| <i>On-line</i> | GrT | 50 | 165,77 | 50,00 | 349,00 | 15,85 | 251,34 |
| | GrM | 50 | 165,76 | 50,00 | 349,00 | 15,85 | 251,12 |
| | GrH | 50 | 164,90 | 53,00 | 341,00 | 15,85 | 251,18 |
| Imagens Femininas | | | | | | | |
| Manual | GrT | 25 | 96,80 | 25,00 | 175,00 | 11,76 | 138,35 |
| | GrM | 25 | 92,29 | 25,00 | 175,00 | 11,78 | 138,83 |
| | GrH | 25 | 100,71 | 25,00 | 175,00 | 11,70 | 136,82 |
| <i>On-line</i> | GrT | 25 | 83,25 | 25,00 | 175,00 | 11,46 | 131,43 |
| | GrM | 25 | 83,16 | 25,00 | 175,00 | 11,43 | 130,63 |
| | GrH | 25 | 83,76 | 26,00 | 174,00 | 11,49 | 131,99 |
| Imagens Masculinas | | | | | | | |
| Manual | GrT | 25 | 87,90 | 25,00 | 175,00 | 11,46 | 131,43 |
| | GrM | 25 | 94,10 | 25,00 | 175,00 | 11,24 | 126,28 |
| | GrH | 25 | 82,29 | 25,00 | 175,00 | 11,51 | 132,38 |
| <i>On-line</i> | GrT | 25 | 82,52 | 25,00 | 174,00 | 10,95 | 119,92 |
| | GrM | 25 | 82,60 | 25,00 | 174,00 | 10,98 | 120,49 |
| | GrH | 25 | 81,14 | 26,00 | 167,00 | 10,92 | 119,19 |

Segundo teste F, com 95% de confiança, não se rejeita a hipótese de que as variâncias são iguais ($F=0,78$), a um nível de significância Alfa 5%. Na tabela 3 são apresentadas as médias de avaliação por formato de aplicação, segundo sexo da imagem e do avaliador. Ao

realizar o teste T (95% de confiança) para verificar a hipótese de igualdade das médias, o resultado ($T=0,012$, $p < 0,05$) rejeita a hipótese de igualdade das médias, a um Alfa de 5%. Destarte, que existe diferença entre as médias da avaliação de concordância sobre receptividade sexual nas imagens, com maiores médias na aplicação manual/presencial (Tabela 3).

4.3. Grupo II mulheres com orientação não heterossexual

A amostra de participantes no formato *on-line* que indicaram orientação homossexual e bissexual, não chegou ao mínimo de 30 pessoas por grupo, entre as mulheres não heterossexuais foi possível compor um grupo de 36 voluntários (GrM – Não Hetero; Tabela 1). Para o grupo de homens o mesmo não ocorreu, assim não incluímos esses dados nas análises estatísticas. Também para comparação de equivalência de aplicação foram utilizados dados de voluntárias mulheres não heterossexuais, participantes na aplicação presencial/manual da pesquisa de construção de instrumento (N=52, Tabela 4), cujos dados não foram apresentados no estudo (TEIXEIRA, 2017).

Tabela 4 – Apresenta caracterização das respondentes mulheres não heterossexuais em aplicação manual/presencial e *on-line*.

| Tipo de Aplicação | Classificação | Presencial | Presencial % | On-line | On-line % |
|-------------------|------------------------|------------|--------------|---------|-----------|
| Participantes | N | 52 | | 36 | |
| Idade | Média | 23,9 | | 26,8 | |
| | Desvio Padrão | 3,58 | | 6,85 | |
| | Solteiro | 36 | 69,23 | 25 | 69,44 |
| Estado Civil | Casado | 2 | 3,85 | 2 | 5,56 |
| | Divorciado | 4 | 7,69 | 1 | 2,78 |
| | União Estável e outros | 10 | 19,23 | 8 | 22,22 |
| | E. Fundamental | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Escolaridade | E. Médio | 6 | 11,55 | 6 | 16,66 |
| | F. Técnico | 2 | 3,86 | 0 | 0 |
| | F. Superior | 42 | 80,77 | 18 | 50 |
| | Pós-graduação | 2 | 3,82 | 7 | 19,45 |
| | Sem Informação | 0 | 0 | 5 | 13,89 |
| Trabalha | Sim | 24 | 46,15 | 29 | 80,56 |
| | Não | 28 | 53,85 | 7 | 19,44 |

As voluntárias mulheres não heterossexuais nas duas formas de aplicação da escala RSEF são em maioria solteiras, jovens e com média de idade próxima. A maior parte do grupo tem formação em educação superior. A maior diferença observada nestes dados de caracterização de ambos os grupos é referente ao trabalho, menos de 20% das mulheres não

heterossexuais (GrM – Não hetero) em aplicação *on-line* não trabalham, ao passo que 53,85% das respondentes no formato manual/presencial não trabalham. Não há dados que indiquem interferência de tais variáveis na percepção de emoção por expressão facial.

Tabela 5 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens.

| | Grupo | N Imagem | Média | Mínimo | Máximo | DP | Variância |
|-----------------------|------------------|----------|--------|--------|--------|-------|-----------|
| Manual/ Presencial | GrT | 50 | 184,70 | 50,00 | 350,00 | 16,42 | 269,78 |
| | GrM - Hetero | 50 | 186,39 | 50,00 | 350,00 | 16,28 | 265,11 |
| | GrM - Não Hetero | 50 | 188,12 | 69,00 | 337,00 | 16,40 | 268,87 |
| | GrH - Hetero | 50 | 183,00 | 50,00 | 350,00 | 16,41 | 269,20 |
| <i>On-line</i> | GrT | 50 | 165,77 | 50,00 | 349,00 | 15,85 | 251,34 |
| | GrM - Hetero | 50 | 165,76 | 50,00 | 349,00 | 15,85 | 251,12 |
| | GrM - Não Hetero | 50 | 167,56 | 53,00 | 336,00 | 15,71 | 246,78 |
| | GrH - Hetero | 50 | 164,90 | 53,00 | 341,00 | 15,85 | 251,18 |
| Imagens Femininas | | | | | | | |
| Manual/ Presencial | GrT | 25 | 96,80 | 25,00 | 175,00 | 11,76 | 138,35 |
| | GrM - Hetero | 25 | 92,29 | 25,00 | 175,00 | 11,78 | 138,83 |
| | GrM - Não Hetero | 25 | 94,65 | 34,00 | 170,00 | 11,69 | 136,65 |
| | GrH - Hetero | 25 | 100,71 | 25,00 | 175,00 | 11,70 | 136,82 |
| <i>On-line</i> | GrT | 25 | 83,25 | 25,00 | 175,00 | 11,46 | 131,43 |
| | GrM - Hetero | 25 | 83,16 | 25,00 | 175,00 | 11,43 | 130,63 |
| | GrM - Não Hetero | 25 | 82,72 | 26,00 | 169,00 | 11,38 | 129,45 |
| | GrH - Hetero | 25 | 83,76 | 26,00 | 174,00 | 11,49 | 131,99 |
| Imagens Masculinas | | | | | | | |
| Manual/ Presencial | GrT | 25 | 87,90 | 25,00 | 175,00 | 11,46 | 131,43 |
| | GrM - Hetero | 25 | 94,10 | 25,00 | 175,00 | 11,24 | 126,28 |
| | GrM - Não Hetero | 25 | 93,46 | 35,00 | 167,00 | 11,50 | 132,22 |
| | GrH - Hetero | 25 | 82,29 | 25,00 | 175,00 | 11,51 | 132,38 |
| <i>On-line</i> | GrT | 25 | 82,52 | 25,00 | 174,00 | 10,95 | 119,92 |
| | GrM - Hetero | 25 | 82,60 | 25,00 | 174,00 | 10,98 | 120,49 |
| | GrM - Não Hetero | 25 | 84,83 | 26,00 | 167,00 | 10,83 | 117,33 |
| | GrH - Hetero | 25 | 81,14 | 26,00 | 167,00 | 10,92 | 119,19 |

Para verificar possíveis diferenças na avaliação dos voluntários segundo orientação sexual, foi realizado o Teste ANOVA (Alfa de 0,05, $p > 0,05$), na comparação das médias dos três grupos (GrM-Hetero; GrM-Não Hetero; GrH). Não rejeitamos a hipótese de diferença a um nível de confiança de 95%, assumindo que não há diferença estatisticamente significativa entre os três grupos ($p = 0,95$). Segundo esta amostra de estudo, a orientação sexual do indivíduo não altera a percepção de receptividade sexual pela expressão facial (Tabela 6).

Tabela 6 - Apresenta os dados referentes às análises do teste T e ANOVA.

| Teste-t: duas amostras presumindo variâncias diferentes | | |
|---|---------------------|-------------------------|
| | <i>Média Online</i> | <i>Média Presencial</i> |
| Média | 3,315 | 3,694 |
| Variância | 0,564 | 0,542 |
| Observações | 50,000 | 50,000 |
| Hipótese da diferença de média | 0,000 | |
| Gl | 98,000 | |
| Stat t | -2,545 | |

| ANOVA resumo | | | | |
|--|----------|---------|-------|-----------|
| Grupo | Contagem | Soma | Média | Variância |
| Média Mulheres Hetero – <i>On-line</i> | 50,000 | 165,758 | 3,315 | 0,542 |
| Média Mulheres não Hetero – <i>On-line</i> | 50,000 | 167,556 | 3,351 | 0,825 |
| Média Homens - <i>On-line</i> | 50,000 | 164,901 | 3,298 | 0,693 |

| ANOVA | | | | | | |
|-------------------|--------|--------|------|------|---------|-----------|
| Fonte da variação | SQ | gl | MQ | F | valor-P | F crítico |
| Entre grupos | 0,07 | 2,00 | 0,04 | 0,05 | 0,95 | 3,06 |
| Dentro dos grupos | 100,91 | 147,00 | 0,69 | | | |
| Total | 100,98 | 149,00 | | | | |

| ANOVA resumo | | | | | |
|---|----------|---------|-------|-----------|--|
| Grupo | Contagem | Soma | Média | Variância | |
| Média Mulheres Hetero - Manual/Presencial | 50,000 | 186,387 | 3,728 | 0,675 | |
| Média Mulheres não Hetero - Manual/Presencial | 50,000 | 188,115 | 3,762 | 0,907 | |
| Média Homens - Manual/Presencial | 50,000 | 183,003 | 3,660 | 0,536 | |

| ANOVA | | | | | | |
|-------------------|--------|--------|------|------|---------|-----------|
| Fonte da variação | SQ | gl | MQ | F | valor-P | F crítico |
| Entre grupos | 0,27 | 2,00 | 0,14 | 0,19 | 0,83 | 3,06 |
| Dentro dos grupos | 103,79 | 147,00 | 0,71 | | | |
| Total | 104,06 | 149,00 | | | | |

| ANOVA resumo | | | | | |
|---|----------|---------|-------|-----------|--|
| Grupo | Contagem | Soma | Média | Variância | |
| Média Mulheres Hetero – <i>On-line</i> | 50 | 165,758 | 3,315 | 0,542 | |
| Média Mulheres não Hetero – <i>On-line</i> | 50 | 167,556 | 3,351 | 0,825 | |
| Média Homens - <i>On-line</i> | 50 | 164,901 | 3,298 | 0,693 | |
| Média Mulheres Hetero – Manual/Presencial | 50 | 186,387 | 3,728 | 0,675 | |
| Média Mulheres não Hetero - Manual/Presencial | 50 | 188,115 | 3,762 | 0,907 | |
| Média Homens - Manual/Presencial | 50 | 183,003 | 3,660 | 0,536 | |

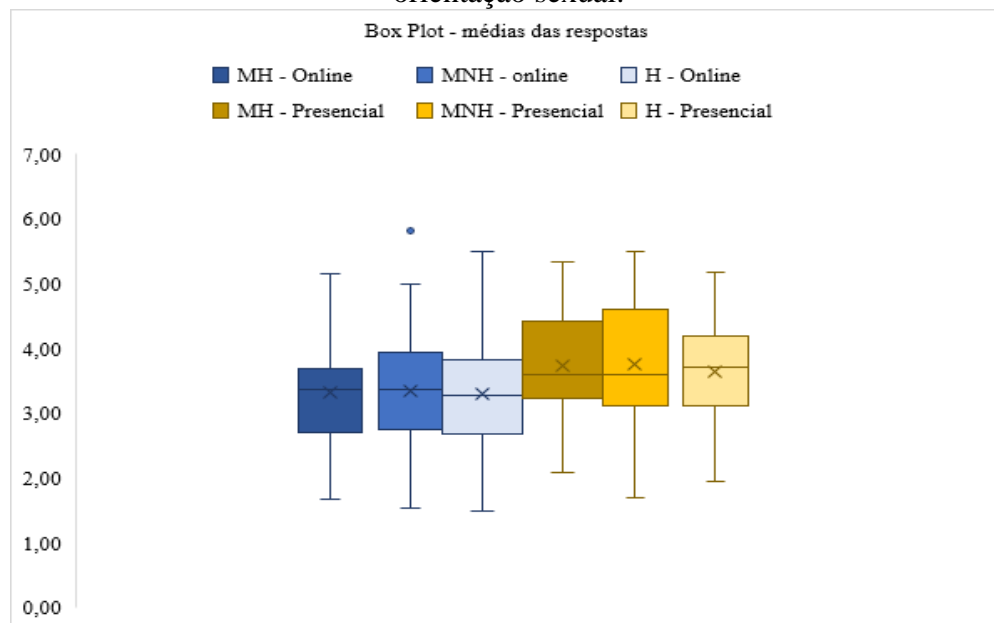
| ANOVA | | | | | | |
|-------------------|---------|---------|-------|-------|---------|-----------|
| Fonte da variação | SQ | gl | MQ | F | valor-P | F crítico |
| Entre grupos | 12,062 | 5,000 | 2,412 | 3,465 | 0,005 | 2,245 |
| Dentro dos grupos | 204,702 | 294,000 | 0,696 | | | |
| Total | 216,764 | 299,000 | | | | |

Testada a avaliação média dos participantes em formato presencial/manual (TEIXEIRA, 2017), considerando Alfa de 0,05, com $p > 0,05$, não rejeitamos a hipótese inicial, a um nível de confiança de 95%, assumimos que não temos diferença estatisticamente significativa entre os três grupos ($p = 0,83$). Segundo esta amostra de estudo, a orientação sexual do indivíduo e o

formato de aplicação, *on-line* e manual/presencial da escala RSEF, não alteram a percepção de receptividade sexual pela expressão facial (Tabela 6).

Com intuito de testar a hipótese de que as médias de avaliação são iguais e que pelo menos uma das médias (avaliação de um grupo) são diferentes, comparando os seis grupos, por sexo, orientação sexual e formato de aplicação. Foi construído um Box plot – gráfico com: média, mediana, 1º e 3º quartil, mínimo, máximo e outlier (Figura 4). O outlier identificado no grupo de mulheres não hetero foi desconsiderado das análises.

Figura 4 – Box plot com média de avaliação dos instrumentos por forma de aplicação, sexo e orientação sexual.



*Construído pelo autor.

Visualmente, atesta-se que os grupos presenciais apresentam maiores médias, em relação aos grupos *on-line*. O teste ANOVA identifica que estatisticamente a diferença significativa é relativa à forma de aplicação. Rejeita-se a hipótese de semelhança entre os grupos a um nível de confiança de 95%, assumindo que há diferença estatisticamente significativa entre os seis grupos ($p = 0,005$). Entretanto, ao avaliar SQ entre os grupos e total, tem-se que a variável (formato de aplicação) explica pouco em relação a todas as variáveis possíveis (Tabela 6).

Existe diferença significativa a um nível de confiança de 95% quanto ao formato de aplicação *on-line* e manual/presencial, maiores médias de concordância são encontradas nos grupos em aplicação manual/presencial. Todavia não se aceita diferença estatisticamente significativa entre os três grupos em aplicação manual/presencial.

4.4. Grupo III mulheres heterossexuais usuárias de contraceptivo oral

Dentre as mulheres voluntárias do estudo com orientação heterossexual (N=186), que informaram sobre uso ou não de contraceptivo (N=151), 105 mulheres indicaram não fazer uso de nenhum tipo de contraceptivo (NCO), 30 mulheres indicaram uso de contraceptivo hormonal oral (CO) e, outras 16 mulheres informaram uso de contraceptivo hormonal injetável e dispositivo intrauterino (DIU-Mirena), as quais foram excluídas desta fase do estudo.

Tabela 7 - Dados sociodemográficos das participantes do estudo.

| Tipo de Aplicação | | Mulheres CO | | Mulheres NCO | |
|-------------------|-----------------------------|-------------|-------|--------------|-------|
| | | N | % | N | % |
| Participantes | N | 30 | 100 | 105 | 100 |
| Idade Média | | 31,1 | | 43,2 | |
| DP | | 9,1 | | 12,2 | |
| Faixa Etária | De 18 a 20 anos | 3 | 10 | 5 | 4,76 |
| | De 21 a 25 anos | 8 | 26,67 | 6 | 5,71 |
| | De 26 a 30 anos | 6 | 20 | 7 | 6,67 |
| | De 31 a 35 anos | 5 | 16,67 | 13 | 12,38 |
| | De 36 a 40 anos | 4 | 13,34 | 12 | 11,43 |
| | De 41 a 45 anos | 2 | 6,66 | 17 | 16,2 |
| | De 46 a 50 anos | 0 | 0 | 12 | 11,43 |
| | De 51 a 55 anos | 2 | 6,66 | 21 | 20 |
| | De 56 a 60 anos | 0 | 0 | 3 | 2,86 |
| | Mais de 60 anos | 0 | 0 | 9 | 8,56 |
| Estado Civil | Solteiros | 19 | 63,33 | 24 | 22,86 |
| | Casados | 8 | 26,67 | 52 | 49,52 |
| | Divorciados | 0 | 0 | 15 | 14,29 |
| | União estável e outros | 3 | 10 | 14 | 13,33 |
| Escolaridade | E. Fundamental | 0 | 0 | 1 | 0,95 |
| | E. Médio | 4 | 13,34 | 1 | 0,95 |
| | F. Técnica | 10 | 33,33 | 38 | 36,2 |
| | F. Superior | 0 | 0 | 2 | 1,9 |
| | Pós-graduação | 16 | 53,33 | 63 | 60 |
| Renda | Sem Renda | 3 | 10 | 7 | 6,67 |
| | Até 01 salário-mínimo | 4 | 13,33 | 9 | 8,56 |
| | De 01 a 03 salários-mínimos | 12 | 40 | 11 | 10,49 |
| | De 04 a 08 salários-mínimos | 7 | 23,34 | 31 | 29,52 |
| | Mais de 08 salários-mínimos | 4 | 13,33 | 47 | 44,76 |
| Trabalho | Assalariado/empregado | 17 | 56,67 | 59 | 56,19 |
| | Conta própria | 8 | 26,67 | 34 | 32,38 |
| | Empregador | 1 | 3,33 | 2 | 1,91 |
| | Não trabalha | 4 | 13,33 | 10 | 9,52 |

Nota: Para realizar a média e o DP das idades, na última faixa estudada, 60 anos ou mais, limitamos o teto de idade em 70 anos.

A maioria das participantes do grupo CO (N=30; Média=31,1 e DP 9,1 anos de idade) são mulheres com menor idade e solteiras (63,33%) que no grupo NCO (N=105; Média=43,2 e DP 12,2 anos de idade; 49,52% casadas). Em ambos os grupos a maior parte das mulheres

trabalha (56,67% e 56,19%), é pós-graduada (53,33% e 60%) e recebe de um a oito salários-mínimos (23 a 30% [Tabela 07]).

Para o conjunto de 50 imagens da escala RSEF não foram encontradas diferenças significativas na variância e média de avaliação do total de participantes mulheres (N=135, CO + NCO), e entre os grupos CO (N=30) e NCO(N=105).

O Teste F rejeita a hipótese de que as variâncias são diferentes com $F=0,74$. O teste T rejeita a hipótese de diferença entre as médias com 95% de confiança ($T=0,40$, $p > 0,005$). As médias de avaliação entre os grupos CO e NCO são diferentes, no entanto não são significativas estas diferenças (Tabela 8).

Tabela 8 - Média das avaliações de concordância quanto a receptividade sexual nas imagens.

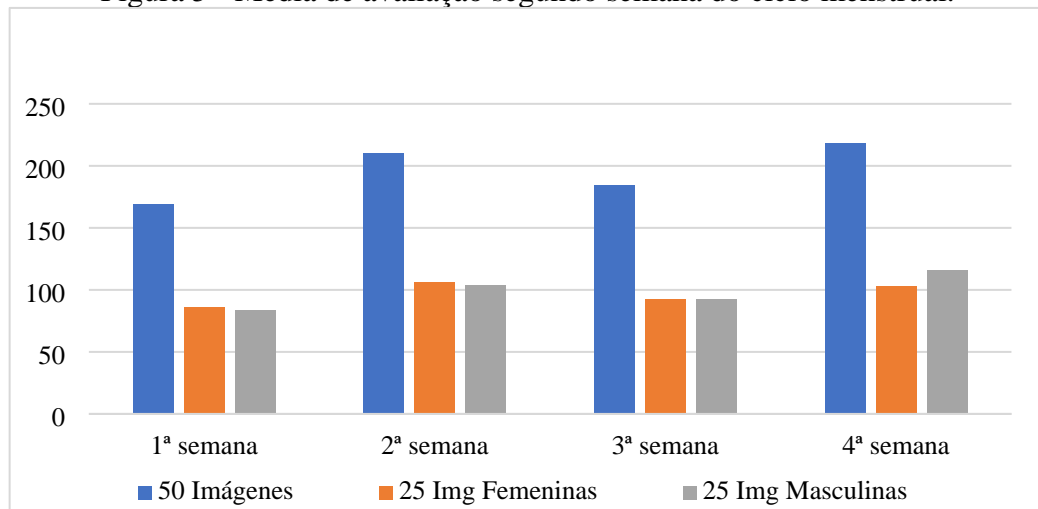
| Grupo | N Imagem | Média | Mínimo | Máximo | DP | Variância |
|--------------------|----------|--------|--------|--------|-------|-----------|
| GrM | 50 | 204,25 | 50,00 | 349,00 | 11,45 | 131,11 |
| NCO | 50 | 206,76 | 54,00 | 347,00 | 11,17 | 124,69 |
| CO | 50 | 198,25 | 51,00 | 341,00 | 12,05 | 145,28 |
| Imagens femininas | | | | | | |
| GrM | 25 | 101,25 | 25,00 | 175,00 | 8,54 | 72,96 |
| NCO | 25 | 102,78 | 25,00 | 175,00 | 8,31 | 69,03 |
| CO | 25 | 95,90 | 26,00 | 169,00 | 9,20 | 84,60 |
| Imagens Masculinas | | | | | | |
| GRM | 25 | 101,62 | 25,00 | 174,00 | 7,71 | 59,42 |
| NCO | 25 | 103,98 | 29,00 | 172,00 | 7,46 | 55,66 |
| CO | 25 | 93,37 | 25,00 | 166,00 | 8,23 | 67,67 |

Embora o grupo CO apresente menor média de concordância com a receptividade sexual nas imagens femininas, também não há diferenças significativas entre os grupos na avaliação da escala RSEF. O teste F a um nível de significância Alfa 5%, rejeita a hipótese de que as variâncias são diferentes com $F=0,73$. O teste T rejeita a hipótese de diferença entre as médias com 95% de confiança ($T=0,67$, $p > 0,005$).

A avaliação de receptividade sexual nas imagens masculinas pelo grupo CO, em relação ao grupo NCO, também apresentou menor média de concordância. O teste F a um nível de significância Alfa 5%, rejeita a hipótese de que as variâncias são diferentes com $F=0,88$. O teste T rejeita a hipótese de diferença entre as médias com 95% de confiança ($T=0,47$, $p > 0,005$).

As médias das mulheres sem uso de anticoncepcionais (NCO) são maiores que as mulheres com uso de anticoncepcionais (CO), porém essa diferença não é significativa. Foram observadas diferenças significativas apenas na avaliação das imagens H9 e H16, com maior média de concordância no grupo de mulheres NCO.

Figura 5 - Média de avaliação segundo semana do ciclo menstrual.



*Construído pelo autor.

Das 30 mulheres em uso de contraceptivo hormonal oral, apenas 20 delas souberam informar em que semana do ciclo menstrual estavam no momento do preenchimento do formulário *on-line* (Figura 5). Assim, não foram possíveis análises quantitativas apenas a observação qualitativa desses dados que não apontam para tendências de resposta conforme a fase do ciclo menstrual.

5. DISCUSSÃO

5.1. Adaptação da escala ERSEF para aplicação *on-line*

Esta tese teve por objetivo principal verificar a adaptação e equivalência da escala RSEF em aplicação em meio *on-line*, construída para aplicação presencial. Com relação aos objetivos específicos, testou-se a escala com duas variáveis de controle: uma orgânica e outra subjetiva, indicadas na literatura como possíveis moduladoras da percepção de expressão de face e reconhecimento de emoção (variável orgânica o uso de contraceptivo oral - CO, e variável subjetiva: indivíduos com orientação não heterossexual).

A aplicação em meio *on-line* da RSEF se mostra viável, com equivalência na validade do construto e pertinência dos itens, independente ao formato de aplicação manual/ presencial ($0,79 > \alpha < 0,90$) ou *on-line* ($\alpha = 0,90$). Os resultados confirmam a hipótese de estudo de que o controle das variáveis tempo (da exibição das imagens e de resposta dos voluntários), não altera significativamente os resultados. O instrumento mantém a validade de conteúdo.

Contudo, ressalta-se que a diferença entre as médias por meio de aplicação é um dado a ser considerado na utilização da escala RSEF, mas não estabelece um ponto de corte e nem tem essa finalidade. Para testar a validade externa de instrumentos e construção de normas são necessários outros estudos (PASQUALI, 2017a).

Ao comparar as médias de avaliação de acordo com o formato de aplicação (utilizados os dados de construção da escala, TEXEIRA, 2017), foi encontrada uma diferença significativa da média de avaliação dos respondentes, entre os formatos manual/presencial e *on-line* ($T=0,012$, $p < 0,05$. Dados detalhados na Tabela 3).

Levanta-se a hipótese de que a aplicação *on-line* do instrumento selecione algum viés de amostra que a torne mais homogênea na avaliação da escala RSEF. Nota-se que os respondentes em meio *on-line* são um grupo heterogêneo, sobretudo considerando sexo e demais dados sociodemográficos (para detalhamento ver a Tabela 1). A possibilidade e disponibilidade em participar de uma pesquisa por meio *on-line*, e a abordagem para tanto, são possíveis variáveis dependentes indicadas em outros estudos desta natureza (DI GIROLAMO et al, 2017; HE et al, 2010). Portanto este estudo chega a resultados semelhantes nesse aspecto a de outros estudos já realizados.

5.2. Diferenças sexuais no reconhecimento de emoção

No estudo de construção do instrumento (TEIXEIRA, 2017), a variável sexo do ator na imagem não apresentou diferenças significativas na avaliação dos indivíduos heterossexuais (teste T $p > 0,05\%$, $T = 0,91$). Os dados da aplicação *on-line* indicam as mesmas tendências de resposta que a aplicação manual/presencial do instrumento, inclusive com média maior do GrM.

As possíveis diferenças de percepção entre homens e mulheres para expressão facial e no processo de corte, é temática discutida e com divergência entre os achados de estudo (HUTCHINSON; GERTEIN, 2017; WELLS; GILLESPIE; ROTSHTEIN, 2016; CHOI; HUR, 2013; MOORE, 2002).

Nos estudos da RSEF não foram identificadas diferenças significativas na percepção de homens e mulheres heterossexuais, contribuindo com evidências, a favor da hipótese de que a percepção de expressão de emoção pela face não seja diferente entre os sexos.

Quando avaliadas as médias de concordância da presença de receptividade sexual nas imagens, segundo sexo do ator e avaliador, para as imagens masculinas há tendência de maior percepção de receptividade sexual na avaliação de mulheres (GrM: $M = 82,60$; GrH: $M = 81,14$; teste T $p > 0,05\%$, $T = 0,80$), semelhante aos dados do estudo de desenvolvimento do instrumento (TEIXEIRA, 2017), observações condizentes com a literatura apresentada na introdução deste estudo.

Possivelmente as condições artificiais inerentes ao uso de escalas dessa natureza, visto não ser uma situação real de encontro, interferem nos resultados. Em ambiente natural: o local, condições de ambiente, motivação intrínseca no momento e estado emocional do observador, interferem na percepção de emoção, sobretudo as emoções sociais (RESCHKE *et al*, 2019; FERRETI *et al*, 2019; TREAT *et al*, 2016).

Contudo, considerando a situação artificial, é possível que permita maior regulação emocional ao respondente, evitando julgamentos com base nas emoções estimuladas pelas situações sociais, algo que no ambiente da psicologia clínica pode ser uma ferramenta para estimular reflexões acerca da construção de significados nas referências pessoais, contribuindo para redução de distorções cognitivas e desenvolvimento de habilidades de comunicação interpessoal (BECK, 1995).

Assim pode-se inferir que nos estudos em que são relatadas diferenças entre os sexos na percepção de reconhecimento de emoções pela expressão da face, tais diferenças se devam em maior medida aos componentes culturais e individuais da sociabilidade que das capacidades cognitivas do indivíduo. Assim, a percepção de emoções sociais, sobretudo, seria passível de aprendizado realizado no *setting* terapêutico e outros locais. Esta é uma hipótese coerente com os programas de treinamento em habilidades sociais existentes. A comunicação não verbal e a

percepção de emoções por expressão facial são componentes do construto *habilidade social* (CARVALHO et al, 2023; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, 2009).

A maior semelhança entre as médias de avaliação foi sobre as imagens femininas (GrM; M=83,16 e GrH; M=83,76) segundo sexo do observador/avaliador. O que pressupõem que a orientação de desejo indicada pelo participante não interfere significativamente no reconhecimento de emoções sociais sexuais (teste T $p > 0,05\%$, $T=0,90$).

Das 50 imagens que compõem o instrumento, sete destas imagens apresentaram diferença significativa entre a avaliação do GrM e GrH ($p < 0,05\%$ para imagem: M7; M14, H17 segundo GrM e M4, M15, M20 e M22 segundo GrH [Figura 1]).

As seis imagens femininas apresentam características de expressão facial com média e grande intensidade de ação muscular, variável que facilita o reconhecimento emocional porque oferece maiores informações visuais ao observador (TEIXEIRA; ASSUMPCÃO JR. 2020; EKMAN, 2011; EKMAN et al, 2002).

As imagens femininas M4, M15 e M22, com maior média na avaliação do GrH, apresentam assimetria na expressão, marcadamente da boca e sobrancelha. Estas imagens topograficamente são próximas às imagens reconhecidas como de flerte de outros estudos com uso de imagem de face (BENDA; SCHERF, 2022; MOTA-MENA; SCHERF, 2017).

Tais considerações são condizentes com a literatura na descrição de comportamento não verbal de mulheres no cortejamento, que indicam a expressão de boca, sobrancelhas e olhar como importantes na comunicação da receptividade feminina (MOORE, 2020; 2002; GRAMMER, et al, 2000; TURCHET, 2005).

Enquanto, as imagens femininas M7 e M14 com maior avaliação GrM apresentam o sorriso mais discreto, sugestivo de alegria, embora assimétrico, cuja ativação muscular segundo a codificação de Ekman *et al* (2002) sugere desprezo, mas que deixa a expressão ambígua.

As mulheres são indicadas como mais expressivas e perceptivas das expressões emocionais e comunicação não verbal que os homens. Na perspectiva evolucionista são habilidades mais importantes para as mulheres no processo de seleção de parceria e socialização num todo (YAMAMOTO *et al*, 2018).

O início do processo de cortejamento é definido por comportamentos de aproximação e esquiva, ambiguidades que tem função de avaliar para selecionar parceria mais adequada (MOORE, 2002; GRAMMER et al, 2000; WEBER, 1998). Ante tais dados infere-se que as mulheres participantes do estudo tendem a avaliar a ambiguidade da expressão como sinalizadora de receptividade sexual, em maior frequência que os homens.

No estudo de Moore (2002) foi encontrada maior tendência dos homens de perceberem sinais de receptividade nas expressões femininas. No estudo de Choi e Hur (2013) os autores consideram que o comportamento de cortejamento dos homens é eliciado tanto pela motivação sexual própria quanto pela percepção de receptividade sexual de possível parceira, enquanto o comportamento feminino estaria diretamente relacionado à própria motivação sexual.

Para Buck (2019), emoção e motivação formam um sistema integrado. A emoção eliciada por estímulos internos ou externos motivam o comportamento ou o processo para atender necessidades que possibilitaram novo equilíbrio homeostático (DAMÁSIO, 2018). Na perspectiva da psicologia evolutiva, muitos estudos de diversas nacionalidades, creditam a maior motivação sexual masculina, a possibilidade de variação de parceria e aumento nas chances reprodutivas. Nesse domínio científico homens investem em quantidade e mulheres em qualidade, ou seja, selecionam parceiros pela percepção de capacidade de suporte e cuidado com possíveis filhos (VALENTOVA et al, 2023; YAMAMOTO *et al*, 2018).

Seria possível que a literatura científica que indica as mulheres como mais eficientes no reconhecimento e expressão de emoções, estejam identificando não uma característica puramente de espécie por filogenia, mas um aspecto de construção subjetiva do gênero feminino, que mesmo atuando junto ao desenvolvimento do indivíduo não altera de modo significativo as funções cognitivas entre os sexos, no que tange ao reconhecimento de emoção pela expressão de face.

A imagem masculina H17 foi o único item do conjunto de imagens masculinas (N=25) com maior média de avaliação pelo GrM quanto a receptividade sexual da expressão. A imagem H17 apresenta ação muscular moderada e mais simétrica, atende ao protótipo para emoção alegria (TEIXEIRA; ASSUMPÇÃO JR, 2020; EKMAN et al, 2002).

Não havendo encontrado estudos com imagens masculinas com expressão facial de flerte ou outro termo associado ao construto de receptividade sexual, como apresentado nesta tese, conjecturamos que a expressão de alegria, reconhecida como uma emoção que permite maior contato social, quando em face masculina, seja suficiente para que mulheres heterossexuais reconheçam como expressivo de receptividade sexual quando comparadas com a percepção de homens heterossexuais.

Os itens de imagem masculina, foram considerados menos expressivos que os itens de imagem feminina. Tendo sido construídos a partir das orientações da autora, mas sobretudo as referências pessoais dos atores, é possível que com diferentes atores voluntários, para além da morfologia facial, haja diferenças topográficas nas expressões masculinas de receptividade sexual (TEIXEIRA, 2017; TODOROV, 2017).

Destarte que esta é uma iniciativa de conhecer a expressão masculina indicativa de receptividade sexual para mulheres heterossexuais, pode contribuir também com os estudos sobre o comportamento de flerte, corte e o reconhecimento de emoções por expressões faciais entre indivíduos não heterossexuais (VALENTOVA et al, 2023).

Ante as evidências apresentadas da validade de construto da escala ERSEF em aplicação *on-line* e validade do critério para ambos os sexos (PASQUALI, 2017), a escala ERSEF pode ser utilizada para fins de pesquisa acadêmica, de modo a verificar as várias reflexões apontadas, contribuindo assim, sobretudo para o campo do reconhecimento de emoções e cortejamento humano.

Outra contribuição é para o âmbito clínico, pois as escalas de avaliação, além de fornecerem elementos para compor a reflexão diagnóstica, também permitem ao indivíduo refletir sobre sua própria percepção em presença dos itens apresentados.

Como as escalas de avaliação em psicologia e áreas afins são em maior frequência compostas de itens verbais, a escala ERSEF por utilizar imagens, cuja percepção passa por diferentes processos cognitivos se comparados a itens verbais (SOUTH PALOMARES; YOUNG, 2019), permite explorar junto ao indivíduo esse aspecto da percepção e comunicação não verbal, que a literatura indica como afetado por diferentes psicopatologias entre outras variáveis.

Indivíduos com queixas nas habilidades sociais ou em iniciar relacionamentos, por exemplo, podem ser beneficiados pelo uso clínico de uma ferramenta que aborde um aspecto básico da sociabilidade humana. A escala proposta neste estudo pode facilitar ao técnico e o próprio indivíduo, discriminar se existem diferenças perceptivas em relação ao grupo de construção do instrumento.

O sexo e reprodução são necessidades humanas básicas, a receptividade sexual enquanto uma emoção complexa social sexual, tem função diretamente relacionada a satisfação desse aspecto humano, portanto é uma temática pertinente a todo indivíduo.

Reiterando que neste estudo não há pretensão de estabelecer pontos de corte ou normativas para a escala RSEF, indicamos a observação da pontuação total do indivíduo em relação a médias e desvio padrão do grupo de estudo de construção da escala apenas como referência. Em caso de haver diferenças na avaliação do indivíduo em relação ao grupo de estudo de desenvolvimento da escala, é sugerido explorar a possibilidade de alteração de percepção por psicopatologias como: alterações de humor e ansiedade, transtornos de desenvolvimento ou neurodegenerativos, uso de psicotrópicos, entre outros (KRAUSE *et al*, 2021; GARCEZ *et al*, 2020; BOMFIM; RIBEIRO; CHAGAS, 2019; LEIVA *et al*, 2019;

NAGY *et al*, 2018; BUEDO *et al*, 2018; EDWARDS *et al*, 2017; MIGUEL; PESSOTTO, 2016; YOON *et al*, 2016; FRIDENSON-HAYO *et al*, 2016).

Não havendo diferenças das respostas do indivíduo em relação ao grupo de estudo do instrumento, sugere-se realizar uma avaliação qualitativa das respostas do indivíduo e o trabalho terapêutico pode focar na identificação e significados atribuídos às situações em que tais expressões emocionais são percebidas. Segundo Silva (2015) o indivíduo tímido não tem alteração de percepção, ele não acredita na própria percepção e constrói sentidos, em geral negativos, para o que percebe do outro em relação a si mesmo. A discussão qualitativa das respostas tende a oferecer o melhor uso clínico da escala.

Uma das qualidades da escala quando atrelada ao trabalho terapêutico é a possibilidade de discriminar se o indivíduo com queixa clínica em relacionamento interpessoal apresenta uma alteração de percepção ou distorção cognitiva. E essa atividade é fundamental para o trabalho diagnóstico, prognóstico e planejamento terapêutico. Sendo assim a escala aqui proposta contribui para a prática clínica na saúde mental.

5.3. Mulheres com orientação não heterossexual

No interesse de ampliar a reflexão sobre o papel/impacto da variável subjetiva orientação sexual, esta tese se propôs a verificar possíveis diferenças de percepção entre indivíduos não heterossexuais.

Devido ao reduzido número de participantes em meio *on-line* que indicaram orientação não heterossexual, não foi possível dividir grupos por identificação da orientação sexual (homossexual, bissexual, outros), assim foram agrupadas as respostas dos respondentes que indicaram alguma das nomenclaturas para orientação não heterossexual.

Outra situação dos resultados do estudo, foi a menor participação de voluntários homens (ver Tabela 1). Assim, trabalhou-se apenas com os dados referentes a mulheres não heterossexuais. Esta situação também aconteceu no estudo de desenvolvimento da escala RSEF. Na ocasião foram omitidos os dados dos respondentes com orientação não heterossexual (estes dados foram recuperados para comparação neste estudo).

Nos estudos sobre atratividade e seleção de parceria para indivíduos de mesmo sexo, não heterossexuais, os dados da psicologia evolutiva indicam que as variáveis atrativas para homens e mulheres permanecem semelhantes independente da orientação sexual (VALENTOVA, *et al*, 2023).

Ao comparar as médias de avaliação de homens heterossexuais, mulheres heterossexuais e não heterossexuais, não foram encontradas diferenças significativas quando observadas as variáveis sexo do respondente, do ator na imagem e orientação sexual, em aplicação manual/presencial e *on-line* ($p > 0,05\%$, ANOVA = 0,83 e 0,95).

No entanto ao comparar tais variáveis em relação ao tipo de aplicação são encontradas maiores médias de avaliação na forma de aplicação manual/presencial ($p < 0,05\%$, ANOVA = 0,005), tal resultado apresenta coerência com os dados de comparação apenas dos participantes com orientação heterossexual (para maiores detalhes ver Tabela 6).

Para o sexo feminino, tais dados confirmam a hipótese de estudo, de que não haveria diferença de percepção entre indivíduos hetero e não heterossexuais. Observadas as médias de avaliação apenas das participantes mulheres, ao considerar o total de 50 imagens da escala e os dois formatos de aplicação, a média de avaliação das mulheres não heterossexuais é numericamente maior com diferença de cerca de dois pontos.

Com o exposto acima fomenta-se a afirmativa de que as variáveis sexo e a orientação de desejo sexual, não modulam de modo significativo a percepção de receptividade sexual por expressão de face masculina e feminina para mulheres.

5.4. Uso de Contraceptivo Oral e Reconhecimento de Emoção

O desenvolvimento desta tese compreende o período da experiência de isolamento social em virtude da pandemia por Covid-19. Para a aplicação *on-line* da escala RSEF foi necessário limitar o delineamento do estudo unicamente para coleta de dados via formulário *on-line*. Com ensejo de verificar uma variável orgânica indicada pela literatura como possível moduladora da percepção de expressão de emoção em mulheres (MARFUL; PAOLIERI; BERNAL, 2021; KIMMING *et al*, 2021; HORNUNG; LEWIS; DERNTL, 2020; MUNK; ZOELLER; HENNIG, 2018; OSÓRIO *et al*, 2018; TOFFOLETTO *et al*, 2014; GUAPO, 2013), e acessível em meio *on-line* definiu-se o uso de Contraceptivo Oral (CO) por mulheres como critério de comparação em grupo controle. Em função do número de voluntárias e de modo a uniformizar a amostra, foram utilizados apenas os dados referentes a mulheres que indicaram orientação heterossexual.

As mulheres que indicaram uso de CO apresentam maiores médias de avaliação quanto à receptividade sexual nas imagens. Embora sem diferenças significativas quando comparadas a mulheres NCO ($T=0,40$, $p > 0,05\%$. Para detalhes ver a Tabela 5). Estatisticamente os resultados não confirmam a hipótese de estudo, de que o uso de CO pelas mulheres impacta a

percepção de emoção por expressão facial. Concordando com os estudos que não creditam ao uso de CO um impacto direto na percepção de emoção por expressão facial para as mulheres (KIMMING *et al*, 2021; PILARCZYK *et al*, 2019; MUNK; ZOELLER; 2018). Contudo, não podemos afirmar que o uso de CO não interfira na percepção de mulheres, sendo uma variável que possivelmente interaja com outros aspectos da sexualidade feminina.

Dos aspectos da sexualidade feminina indicados pela literatura apresentada, como afetados pelo uso de CO está a redução do desejo sexual, que também é associado a satisfação no relacionamento. Tratando-se de um construto multidimensional, para observar se o uso de CO por mulheres altera a percepção de receptividade sexual, aqui entendida como uma emoção social especificamente sexual, talvez seja possível que em ambiente natural ou cotidiano da vida de uma mulher, a percepção de receptividade sexual no outro seja afetada por todo um conjunto de variáveis no momento da experiência.

Quando observadas as médias de avaliação dos grupos por sexo do ator na imagem, o grupo CO mantém menor média, mas não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos (imagens masculinas: $T=0,47$, $p > 0,05$; imagens femininas: $T=0,67$, $p > 0,05$). Segundo Pahnke *et al* (2019) em tarefas de reconhecimento emocional, as mulheres em uso de CO são menos precisas no reconhecimento de emoções mais “difíceis” de reconhecer.

Dado que na aplicação da escala RSEF não é solicitada nomeação de emoção, mas avaliação de concordância em escala de quantidade/intensidade, possivelmente em estudos com opção de resposta categórica haja resultados semelhantes a Pahnke *et al* (2019).

A discussão quanto ao impacto hormonal de cada fase do ciclo menstrual feminino, no reconhecimento de emoção por expressão facial, não apresenta concordância nos argumentos. Neste estudo não foi possível obter informações sobre a fase do ciclo menstrual de todas as participantes no momento da resposta ao formulário. Para tanto, seria necessário um delineamento de estudo que possibilite medidas psicofísicas, ou amostras para verificar a concentração hormonal vivenciada no momento da participação da pesquisa. O maior controle de tais dados pode fornecer evidências que sustentam ou não a hipótese de que a fase do ciclo menstrual interfere ou modula a percepção feminina (HORNUNG; LEWIS; DERNTL, 2020; PAHNKE *et al*, 2019; PILARCZYK *et al*, 2019; OSÓRIO, 2018; MUNK; ZOELLER; HENNING, 2018).

O grupo de estudo composto de mulheres heterossexuais que indicaram uso de CO, agrega mulheres com menor faixa etária e solteiras, em relação ao grupo de mulheres NCO. Não é possível inferir se a faixa etária é uma variável moduladora dos resultados. No estudo de

construção do instrumento a variável faixa etária não apresentou diferenças significativas na média de avaliação das mulheres (TEIXEIRA, 2017).

A percepção é uma função cognitiva com múltiplas variáveis, as alterações hormonais endógenas e exógenas é apenas uma delas. É possível que estatisticamente o uso de CO não represente uma variável moduladora da percepção feminina, mas considerados os diferentes achados de pesquisa, problemas de delineamento e controle, esta deva ser uma variável a ser considerada para maior investigação nas situações em que a alteração de percepção está presente na experiência de mulheres. Sobretudo ao considerar que a ciclagem hormonal das mulheres não ocorre de modo idêntico, as concentrações hormonais sofrem muitas variações individuais. O papel dos hormônios sexuais na percepção de emoção humana vem sendo cada vez mais explorado, porque acredita-se ser este um marcador biológico de maior impacto no desenvolvimento humano em um todo.

6. CONCLUSÃO

A escala de Receptividade Sexual por Expressão de Face (RSEF) mostrou-se confiável para aplicação *on-line*, havendo equivalência na validade do construto e pertinência dos itens. Confirmando a hipótese de estudo, de que o controle das variáveis tempo da exibição das imagens e da resposta dos voluntários não alteram os resultados de modo a inviabilizar o uso do instrumento em meio *on-line*.

As diferenças culturalmente esperadas no comportamento de homens e mulheres no processo de corte, não são moduladas por diferenças na percepção de emoção por expressão facial entre os sexos, nem do observado ou do observador. Acredita-se que a capacidade de perceber receptividade sexual por expressão de face seja semelhante entre os sexos.

Embora, em função de aspectos filogenéticos relativos à reprodução, haja maior intensidade de resposta dos homens heterossexuais para imagens femininas. Tais comportamentos podem ser modulados por normativas sociais e culturais de grupo, sendo que neste aspecto pode estar contida a orientação de desejo. Tendo apenas dados relativos a mulheres não heterossexuais, entende-se que a orientação de desejo em mulheres não afetou a percepção de receptividade sexual pela expressão de face. Ampliação de amostra para homens não heterossexuais é recomendado para futuros estudos.

Para amostra deste estudo o uso de CO é uma variável orgânica que não interfere significativamente na percepção de emoção complexa social sexual por expressão de face.

Os instrumentos de avaliação em psicologia desenvolvidos no Brasil, exigem ainda muito investimento. Essa iniciativa contribui com a exploração de itens de imagens na avaliação psicológica; nos estudos de percepção de emoção por expressão de face; na discussão quanto às diferenças sexuais no processo de cortejamento; a exploração de imagens de face masculina em estudos de expressão de emoção social sexual; e possíveis impactos da variável forma de aplicação *on-line* para instrumentos construídos em aplicação manual/presencial.

Um dos primeiros limites do estudo é a heterogeneidade sociodemográfica da amostra, que vai desde a variável sexo ao trabalho dos voluntários. No período em que esta tese foi realizada (ano de 2019 a 2023) houve mudanças e intercorrências que em muito afetaram todo o desenvolvimento da pesquisa. Pontuar o período no tempo se faz necessário, visto que as mudanças ambientais alteraram os espaços de ação, impondo limites.

Pretende-se a continuidade de estudos com a escala RSEF, com ampliação de amostra, sobretudo para grupos com psicopatologias específicas e faixa etária. De modo a contribuir para confirmação e confiabilidade dos dados apresentados nesta tese, indica-se a ampliação de

amostra, com diferentes grupos sociais e regionais do país. Devendo-se também verificação a sua utilização no trabalho clínico.

Estudos para observar a sensibilidade e especificidade do instrumento para amostras clínicas também podem ser desenvolvidos em outro momento, em que a articulação e visitas institucionais estejam viáveis.

REFERÊNCIA¹

ADOLPHS, A. How should neuroscience study emotions? By distinguishing emotion states, concepts, and experiences. **Social Cognitive and Affective Neuroscience**. 24-31, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/scan/nsw153>. Acesso em: 11 jul. 2020.

AKHMATOVA, A. **Antologia poética**. L & PM. 2014.

ALCHIERI, J. C.; URQUIJO, S. Instrumentos psicológicos informatizados na avaliação de indicadores neuropsicológicos no Brasil. **Desafios do psicólogo em psicologia jurídica**, 27 – 53, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364865458_CADERNOS_DE_PSICOLOGIA_JURIDICA_DESAFIOS_DO_PSICOLOGO_EM_PSICOLOGIA_JURIDICA. Acesso em 16 nov. 2022.

ALMEIDA, F. P.T. **O determinismo biológico na hipótese do marcador somático proposto por Antônio Damásio**. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2020.

ALMEIDA LINS, C; AMARAL, J. D. H., F; SILVA, A. M. B; ANDRADE, A. L.M. Psychometric Evidence of the Online Version of the Coping Scale of Hospitalization, Illness and Treatment– Parents Version (COPHAT-P). **Revista Psicologia e Saúde**, p. 21-37, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i2.1700>. Acesso em 13 fev. 2023.

ALVES, N.T. Recognition of static and dynamic facial expressions: a study review. **Estudos de Psicologia**, 18(1), 125-130. 2013. ISSN 1678-4669. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26127394023> Acesso em: 12 jun. 2020.

ANDRADE, N.C.; ABREU, N.; MENEZES, I.; MELLO, C.B.; DURAN, V.R; MOREIRA, N.A. Adaptação transcultural do Teste de Conhecimento Emocional: avaliação neuropsicológica das emoções. **Psico-USF**, Bragança Paulista, 19(2), 297-306, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712014000200012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 02 jan. 2020.

ASSUMPÇÃO JR, F.B.; KUCZYNSKI, E.; ASSUMPÇÃO, T. M. **Tratado de Psiquiatria da Infância e Adolescência**. 4 ed. São Paulo. Atheneu. 2022.

ASSUMPÇÃO JR, F. B. **Psicopatologia evolutiva**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2009.

APOSTOLOU, M.; PAPADOPOULOU, I.; CHRISTOFI, M.; VRONTIS, D. Mating Performance: Assessing Flirting Skills, Mate Signal-Detection Ability, and Shyness Effects. **Evolutionary Psychology**, 17(3),1-8, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1474704919872416>. Acesso em: 04 mai. 2021.

APOSTOLOU, M.; SHIALOS, M.; KYROU, E.; DEMETRIOU, A.; PAPAMICHAEL, A. The challenge of starting and keeping a relationship: Prevalence rates and predictors of poor mating performance. **Personality and Individual Differences**, 122, 19-28, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.004>. Acesso em: 04 fev. 2021.

¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023)

BECK, A. T. **Para além do amor**: Como os casais podem superar os desentendimentos, resolver conflitos e encontrar uma solução para os problemas de relacionamento através da terapia cognitiva. Rosa dos Tempos. 1995.

BENDA, M, S.; SCHERF, K. S. The Complex Emotion Expression Database: A validated stimulus set of trained actors. **PloS one**, v. 15, n. 2, p. e0228248, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0228248>. Acesso em: 11 jul. 2022.

BITTENCOURT, H. B.; RODRIGUES, C. C.; DOS SANTOS, G. L.; DA SILVA, J. B.; DE QUADROS, L. G.; MALLMANN, L. S.; ... FEDRIZZI, R. I. Psicoterapia on-line: uma revisão de literatura. **Diaphora**, 9(1), 41-46, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/217869.9.2-6>. Acesso em: 11 jul. 2022.

BOMFIM, A. J. D. L.; RIBEIRO, R. A. D. S.; CHAGAS, M. H. N. Recognition of dynamic and static facial expressions of emotion among older adults with major depression. **Trends in psychiatry and psychotherapy**, 41, 159-166, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0054>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Assistência em Planejamento Familiar**: Manual Técnico/Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher – 4a edição – Brasília: Ministério da Saúde. 2022.

BUCK, R. Motivation, emotion, cognition, and communication: Definitions and notes toward a grand theory. **Advances in Motivation Science**. 6: 27-69, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/bs.adms.2018.08.001>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BUEDO, P.; FERNÁNDEZ, G.; BIONDI, J. A.; OROZCO, D.; AGAMENONNI, O. Procesamiento de las expresiones faciales en personas con esquizofrenia: análisis dinámico de la información visual. **Revista Argentina de Salud Pública**, 9(34), 7-12, 2018. Disponível em: <https://rasp.ms.gov.ar/index.php/rasp/article/view/568>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CALVO, M.G.; NUMMENNAA, L. Perceptual and affective mechanisms in facial expression recognition: An integrative review. **Cognition and Emotion**. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02699931.2015.1049124>. Acesso em: 02 jan. 2020.

CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. Introdução, tradução do latim e notas de BURIDANT, C.; tradução de BENEDETTI, I.C. São Paulo. Martins Fontes. 2000.

CARVALHO, L.M. S.; PINTO, M. C. N.; RESENDE, D. A. C.; CHAVES, G. M. M., MARQUES, E. D. M. I.; SOUZA, R. S. Treinamento de Habilidades Sociais: evidências da eficácia para estudantes de ensino superior segundo a literatura. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/5766>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CHOI, E.; HUR, T. Is Reading Sexual Intention Truly Functional? The Impact of Perceiving a Partner's Sexual Intention on Courtship Initiation Behaviors. **Archieve Sexual Behavior**. 42:1525–1533, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-013-0153-6>. Acesso em: 20 nov. 2022.

- CRAIG, L., K.; GRAY, P., B. Women's use of intimate apparel as subtle sexual signals in committed, heterosexual relationships. **Plos one**, v. 15, n. 3, p. e0230112, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0230112> . Acesso em: 20 nov. 2022.
- DAMÁSIO, A. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2018.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **IHSA - Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes** - Caderno de Aplicação. **Pearson**. 2009. ISBN-10 : 8573966386.
- DI GIROLAMO, M.; GIROMINI, L.; WINTERS, C. L.; SERIE, C. M.; DE RUITER, C. The questionnaire of cognitive and affective empathy: A comparison between paper-and-pencil versus online formats in Italian samples. **Journal of personality assessment**, 101(2), 159-170, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00223891.2017.1389745> Acesso em: 21 nov. 2022.
- EDWARDS, M.; STEWART, E.; PALERMO, R.; LAH, S. Facial emotion perception in patients with epilepsy: A systematic review with meta-analysis. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, 83, 212-225, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.10.013>. Acesso em: 11 jul. 2020.
- EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. São Paulo. Lua de Papel Leya. 2011.
- EKMAN, P.; FRIESEN, W.V.; HAGER, J.C. **Facial Action Coding System. Manual and Investigator's Guide**. Salt Lake City, UT Research Nexus. 2002.
- EKMAN, P.; FRIESEN, W.V.; TOMKINS, S.S. Facial Affect Scoring Technique: A First Validity Study. **Semiotica**, 3(1), 37-58. 1971. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.1971.3.1.37> Acesso em: 20 mai. 2020.
- FERNANDES, S. E.; PEDROSA, L.F. L.; COSTA, F. M. Percepção social de emoções em faces: Julgando sexo, gênero e raça. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 4, n. 3, p. 8-19, 2018. Disponível em: Acesso em: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V4N3A2> 06 de jan. 2023.
- FERRÃO, L. F.; DE ANDRADE, A. L.; DA SILVA, F. C. Escala ENRICH de satisfação conjugal: Adaptação e evidências psicométricas iniciais no Brasil. **Revista Psicologia Em Pesquisa**, 13(2), 126-144, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.V13.26089>. Acesso em: 09 mai. 2022.
- FERREIRA-DE-LIMA, M. C.; KUNZLER, L. S.; ROMERO, A. C. G.; MARINHO, R. M.; FENG, Y. H. O uso de tecnologias digitais na intervenção com protocolo transdiagnóstico desenvolvido com base na terapia cognitivo-comportamental e na terapia comportamental dialética. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 18(1), 138-144, 2022. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbtc.org.br/pdf/v18n1-a11.pdf> Acesso em: 10 nov. 2022.
- FERRETTI, V.; PAPALETTO, F. Understanding others: Emotion recognition in humans and other animals. **Genes, Brain and Behavior**, 18(1), e12544, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/gbb.12544>. Acesso em: 05 mai. 2021.

FIURAŠKOVÁ, K.; ROBERTS, S. C.; KAŇKOVÁ, Š.; HLAVÁČOVÁ, J.; CALDA, P.; HAVLÍČEK, J. Oral contraceptive use during relationship formation and current relationship satisfaction: Testing the congruency hypothesis in couples attending pregnancy and fertility clinics. **Psychoneuroendocrinology**, 135, 105451. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2021.105451> Acesso em: 8 nov. 2022.

FRIDENSON-HAYO, S.; BERGGREN, S.; LASSALLE, A.; TAL, S.; PIGAT, D.; BÖLTE, S.; BARON-COHEN, S.; GOLLA, O. Basic and complex emotion recognition in children with autism: cross-cultural findings. **Molecular autism**, v. 7, n. 1, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://molecularautism.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13229-016-0113-9> Acesso em: abr. 2019.

GARCEZ, H.; FERNANDES, C.; BARBOSA, F.; PEREIRA, M. R.; SILVEIRA, C.; MARQUES-TEIXEIRA, J.; GONÇALVES, A. R. Effects of benzodiazepines administration on identification of facial expressions of emotion: a meta-analysis. **Psychopharmacology**, 237(1), 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00213-019-05393-y>. Acesso em: 8 nov. 2022.

GARCIA, N. V.; SCHERF, K. S. Emerging sensitivity to socially complex expressions: A unique role for adolescence? **Child Development Perspectives**. 9:84-90, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cdep.12114>. Acesso em: 11 mai. 2018.

GRAMMER, K. Human courtship behaviour: Biological basis and cognitive processing. In: **Rasa, A.E., Vogel, C., Voland, E. (Org.) The sociobiology of sexual and reproductive strategies**. Chap. 9, pp. 147-169, 1998. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/8eab/95d1298b5165b84872c533f4f46a7805a0e4.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2022.

GRAMMER, K.; KRUCK, K.; JUETTE, A.; FINK, B. Non-verbal behavior as courtship signals: The role of control and choice in selecting partners. **Evolution and Human Behavior**, 21(6), 371-390, 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(00\)00053-2](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(00)00053-2). Acesso em: 08 dez. 2022.

GUAPO, V. G. **Investigação de fatores implicados na diferença entre os sexos no reconhecimento de expressões faciais: emoção despertada e fases do ciclo menstrual** (Tese de Doutorado). Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013. DOI 10.11606/T.17.2013.tde-22022013-091339. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17148/tde-22022013-091339/en.php>. Acesso em: 20 out.2022.

GUEGUEN, N. Weather and courtship behavior: A quasi-experiment with the flirty sunshine. **Journal Social Influence**, 8(4), 312-319. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15534510.2012.752401> Acesso em: 02 ago. 2020.

HAI-MOHAMADI, P.; GILLATH, O.; ROSENBERG, E. L. Identifying a facial expression of flirtation and its effect on men. **The Journal of Sex Research**, 58(2), 137-145. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1805583>. Acesso em: 13 jun. 2022.

HASEGAWA, L. E. M.; CAVALCANTE, I. S.; FERRAZ, I. C.; GOMES, F. E. S.; CARVALHO, K. O.; CACAU, B. L.; NUNES, M. M.; LOPES, M. O. A. S. ; DINATO, A. O.

The relationship between hormonal contraceptive use and female sexuality: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e12711423238, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.23238. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23238> Acesso em: 23 nov. 2022.

HE, S.; TSANG, S.; ZOU, H.; WU, Y. Psychometric properties of the sexual attitudes scale in a sample of unmarried Chinese young adults. **Journal of sex research**, 47(4), 269-278, 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00224490903062241>. Acesso em: 21 nov. 2022.

HENNINGSEN, D. D. Flirting with meaning: An examination of miscommunication in flirting interactions. **Sex roles**, 50(7-8), 481-489, 2004. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/B:SERS.0000023068.49352.4b> Acesso em: 08 dez. 2022.

HEHMAN E.; SUTHERLAND, C. A. M.; FLAKE, J. K.; SLEPIAN, M. L. The unique contributions of perceiver and target characteristics in person perception. **Journal of Personality and Social Psychology**, 113(4), 513-529. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/pspa0000090> Acesso em: 08 dez. 2022.

HERNÁNDEZ-NIETO, R. **Contribuciones al Análisis Estadístico**. Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes/IESINFO. 2002.

HESS, E. H. The role of pupil size in communication. *Scientific American*, 233(5), 110-119, 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24949943> Acessado em: 08 dez 2022.

HORNUNG, J.; LEWIS, C. A.; DERNTL, B. Sex hormones and human brain function. **Handbook of Clinical Neurology**, 175, 195-207, 2020. <https://doi.org/10.1016/B978-0-444-64123-6.00014-X> Acesso em: 20 nov. 2022.

HUTCHISON, A; GERSTEIN, L. Emotion Recognition, Emotion Expression, and Cultural Display Rules: Implications for Counseling. **Journal of Asia Pacific Counseling**. 7(1), 19-35. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ashley-Hutchison/publication/317401918_Emotion_Recognition_Emotion_Expression_and_Cultural_Display_Rules_Implications_for_Counseling/links/593aa5c80f7e9b3317f4b2f6/Emotion-Recognition-Emotion-Expression-and-Cultural-Display-Rules-Implications-for-Counseling.pdf . Acesso em: 20 fev. 2020.

JOLY, M. C. R. A.; WELTER, G. M. R.; MARTINS, R. X.; MARINI, J.; MONTIEL, J. M.; LOPES, F.; DE CARVALHO, M. R. Sistema de avaliação para testes informatizados (SAPI): estudo preliminar. **Psic: Revista da Vetor Editora**, 6(2), 51-60, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142005000200007. Acesso em: 10 nov. 2022.

JUNQUEIRA, F. R. R.; DE SÁ ROSA, A. C. J.; DOS REIS, R. M. A influência da anticoncepção hormonal na sexualidade feminina. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 19(2), 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v19i2.367> Acesso em: 20 nov. 2022.

KASPAR, K.; KRULL, J. Incidental Haptic Stimulation in the Context of Flirt Behavior. **Journal Nonverbal Behavior**, 37(3), 165-173. 2013. DOI 10.1007/s10919-013-0154-0.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10919-013-0154-0>. Acesso em: 20 ago.2020.

KIMMIG, A. C. S.; BISCHOFBERGER, J. A.; BIRRENBACH, A. D.; DROTTLEFF, B.; LÄMMERHOFER, M.; SUNDSTRÖM-POROMAA, I.; DERNTL, B. No Evidence for a Role of Oral Contraceptive-Use in Emotion Recognition But Higher Negativity Bias in Early Follicular Women. **Frontiers in Behavioral Neuroscience**, 15. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389%2Ffnbeh.2021.773961>. Acesso em: jun. 2022.

KRAUSE, F. C.; LINARDATOS, E.; FRESCO, D. M.; MOORE, M. T. Facial emotion recognition in major depressive disorder: A meta-analytic review. **Journal of Affective Disorders**, 293, 320-328, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.06.053>. Acesso em: 8 nov. 2022.

LEIVA, S.; MARGULIS, L.; MICCIULLI, A.; FERRERES, A. Dissociation between facial and bodily expressions in emotion recognition: A case study. **The Clinical Neuropsychologist**, v. 33, n. 1, p. 166-182, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13854046.2017.1418024> Acessado em: mai. 2019.

LISCHKE, A.; PAHNKE, R.; KÖNIG, J.; HOMUTH, G.; HAMM, A. O; WENDT, J. COMTVal158Met genotype affects complex emotion recognition in healthy men and women. **Frontiers in neuroscience**, 12, 1007. 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnins.2018.01007/full>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LOMBARDI, C.; BRONFMAN, M.; FACCHINI, L. A.; VICTORA, C. G.; BARROS, F. C.; BÉRIA, J. U.; TEIXEIRA, A. Operacionalização do conceito de classe social em estudos epidemiológicos. **Revista de Saúde Pública**, 22, 253-265. 1988. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsp/1988.v22n4/253-265/> . Acesso em: 04 abr. 2016.

MALTA, N. J. F.; CESTARI, M. E. W.; PISICCHIO, R. J.; DA FONSECA PINTO, K. R. T.; DE SOUZA, G. G.; MEDEIROS, F. F. Fatores que interferem no prazer e na atividade sexual em mulheres. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, (38), e1755-e1755. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e1755.2020>. Acesso em: 03 abr. 2021.

MARFUL, A.; PAOLIERI, D.; BERNAL, A. Sex, menstrual cycle, and hormonal contraceptives influences on global–local processing. **Psychoneuroendocrinology**, 134, 105430. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2021.105430>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MEYER, P. L. **Probabilidade**: Aplicações à Estatística. 2ª edição. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora AS. 1983.

MIGUEL, F. K.; PRIMI, R. Estudo psicométrico do teste informatizado de percepção de emoções primárias. **Avaliação Psicológica**, 13(1), 1-9, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3350/335030683002.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MIGUEL, F. K.; HASHIMOTO, E. S.; GONÇALVES, E. R. D. S.; OLIVEIRA, G. T. D.; WILTENBURG, T. D. Estudos de validade do questionário online de empatia. **Trends in**

Psychology, 26, 2203-2216, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-18Pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MIGUEL, F. K.; PESSOTTO, F. Projective aspects on cognitive performance: distortions in emotional perception correlate with personality. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 29, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41155-016-0036-6>. Acessado em: 11 mai 2018.

MOORE, M. M. Human nonverbal courtship behavior—A brief historical review. **Journal of Sex Research**, 47(2-3), 171-180. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224490903402520> . Acesso em: 13 mar. 2017.

MOORE, M. M. Courtship Communication and Perception. **Perceptual and Motor Skills**. 94(1), 97-105. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.2466/pms.2002.94.1.97> Acesso em: 13 mar. 2017.

MOORE, M. M. Nonverbal courtship patterns in women: Context and consequences. **Ethology and sociobiology**, 6(4), 237-247. 1985. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0162-3095\(85\)90016-0](https://doi.org/10.1016/0162-3095(85)90016-0) . Acesso em: 13 mar. 2017.

MORALES, J.; GRECO, P.; ANDRADE, R. Validade de conteúdo do instrumento para avaliação do conhecimento tático processual no basquetebol. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, 12(1), 2012. Disponível em: <https://revistas.um.es/cpd/article/view/169411>. Acesso em: 13 mar. 2022.

MOTTA-MENA, N, V; SCHERF, K.S. Pubertal development shapes perception of complex facial expressions. **Developmental Science**. 20:1-10, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/desc.12451>. Acesso em: 11 mai. 2018.

MUNK, A. J.; ZOELLER, A. C.; HENNIG, J. Fluctuations of estradiol during women's menstrual cycle: Influences on reactivity towards erotic stimuli in the late positive potential. **Psychoneuroendocrinology**, 91, 11-19. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2018.02.028>. Acesso em: 02 mar. 2022.

NAGY, E E.; PATON, S. C.; PRIMROSE, F. E.; FARKAS, T. N.; POW, C. F. Speeded recognition of fear and surprise in autism. **Perception**, v. 47, n. 12, p. 1117-1138, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/195290995.pdf> Acesso em: abr. 2018.

OSORIO, F. L.; DE PAULA CASSIS, J. M.; MACHADO DE SOUSA, J. P.; POLI-NETO, O.; MARTIN-SANTOS, R. Sex hormones and processing of facial expressions of emotion: a systematic literature review. **Frontiers in Psychology**, 9, 529. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00529>. Acesso em: 05 abr. 2022.

OLIVEIRA, M. A. Terapia com casais do mesmo sexo: um estudo de revisão bibliográfica. **Estudos em Sexualidade**. v 2. 274. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Oswaldo-Rodrigues-Jr/publication/341029678_Estudos_em_Sexualidade_Volume_2_ESA2_Instituto_Paulista_de_Sexualidade/links/5ea9c5eb299bf18b9587b7bc/Estudos-em-Sexualidade-Volume-2-ESA2-Instituto-Paulista-de-Sexualidade.pdf#page=275 Acesso em: 05 abr.2022.

PAHNKE, R.; MAU-MOELLER, A.; JUNGE, M.; WENDT, J.; WEYMAR, M.; HAMM, A. O.; LISCHKE, A. Oral contraceptives impair complex emotion recognition in healthy women. **Frontiers in neuroscience**, 1041. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fnins.2018.01041> .Acesso em: 30 mar. 2020.

PASQUALI, L. **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática**. Artmed. 2010.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. Editora Vozes. 2017a.

PASQUALI, L. Validade dos testes. **Examen: Política, Gestão e Avaliação da Educação**, v. 1, n. 1, p. 36-36, 2017b. Disponível em: <https://examen.emnuvens.com.br/rev/article/view/19/17>. Acesso em: 06 de jan. 2023.

PAZDA, A. D.; ELLIOT, A. J.; GREITEMEYER, T. Sexy red: Perceived sexual receptivity mediates the red-attraction relation in men viewing woman. **Journal of Experimental Social Psychology**, 48(3), 787-790. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2011.12.009> .Acesso em: 20 mar. 2016.

PEREIRA, M. M.; FERREIRA, M. C.; VALENTINI, F. Evidências de validade da escala de paixão pelo trabalho em amostras brasileiras. **Psico-USF**, 23, 151-162, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230113>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PETERSEN, K. D.; RATCLIFFE, J.; CHEN, G.; SERLES, D.; FRØSIG, C. S.; OLESEN, A. V. The construct validity of the child health utility 9D-DK instrument. **Health and Quality of Life Outcomes**, 17(1), 1-12, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12955-019-1256-0>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PUNYANUNT-CARTER, N. M.; WAGNER, T. R. Interpersonal Communication Motives for Flirting Face to Face and Through Texting. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, 21(4), 229-233. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1089/cyber.2017.0608>. Acesso em: abr. 2019.

QUADFLIEG, S.; WESTMORELAND, K. Making sense of other people's encounters: Towards an integrative model of relational impression formation. **Journal of Nonverbal Behavior**. 43, 233-256. 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10919-019-00295-1>. Acesso em: 12 mai. 2020.

RAMOS, J., G., D.; COSTA, G. Tendências na informatização de testes psicológicos do Brasil: uma revisão bibliográfica. In. Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica. Avaliação Psicológica em novos tempos: Saúde, cuidado e compromisso social. 2021. *On-line*. **Anais** [...]. Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica. Disponível em: <https://www.congresso2021.ibapnet.org.br/site/anais#J> Acesso em: 20 de nov. 2022

RECEPTIVIDADE. In.: **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7 Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/receptividade/>. Acessado em: 11 ago 2022.

R CORE TEAM et al. **R: a language and environment for statistical computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing; 2013. Disponível em: <http://www.R-project.org>. Acessado em: 10 de mai. 2022.

RENNINGER, L. A., WADE, T. J., & GRAMMER, K. Getting that female glance: Patterns and consequences of male nonverbal behavior in courtship contexts. **Evolution and Human Behavior**, 25(6), 416-431. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2004.08.006>. Acesso em: 12 jun. 2016.

RESCHKE, P. J.; WALLE, E. A.; KNOTHE, J. M.; LOPEZ, L. D. The influence of context on distinct facial expressions of disgust. **Emotion**, 19(2), 365–370. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/emo0000445>. Acesso em: 9 set. 2021.

ROOKER, K.; GAVRILETS, S. On the evolution of sexual receptivity in female primates. **Sci Rep**. 10(1):11945, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-020-68338-y>. Acesso em: 8 nov. 2022.

SCHMALBACH, B.; ZENGER, M.; SPINA, R.; STEFFENS-GUERRA, I.; KLIEM, S.; MICHAELIDES, M.; HINZ, A. Gain +1 or Avoid -1: Validation of the German Regulatory Focus Questionnaire (RFQ). **BMC Psychol**. 5, 40, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40359-017-0207-y>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SCORTEGAGNA, S. A.; LIMA, E. D. S.; MARCHI, A. C. B. D.; PORTELLA, M. R. Saúde Mental e Avaliação Psicológica Durante a Pandemia de Covid-19: Revisão Sistemática. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 38, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38425.pt>. Acesso em: 21 nov. 2022.

SILVA, R. Escrivência: reflexões sobre atendimento na modalidade plantão psicológico on-line durante o período de pandemia de covid-19 e isolamento social. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 316–329, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/5056>. Acesso em: 7 nov. 2022.

SILVA, A. **Dificuldade para sentir atração atrapalha inícios de relacionamentos**. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: http://ailtonamelio.blog.uol.com.br/arch2015-09-01_2015-09-30.html. Acesso em: 21 out. 2015.

SOUTH PALOMARES, J. K.; YOUNG, A. W. Facial and self-report questionnaire measures capture different aspects of romantic partner preferences. **British Journal of Psychology**, 110(3), 549-575, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/bjop.12347>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SOUZA JÚNIOR E.V.; SOUZA, C.S.; SANTOS, G. S.; SILVA, C.S.; CRUZ, D.P.; SAWADA, N.O. Análise correlacional entre sexualidade e qualidade de vida de idosos. **Texto Contexto Enferm**, 31, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0629>. Acesso em: 11 nov. 2022.

TEIXEIRA, M. G. M. **Construção de instrumento de percepção de expressão facial e comportamentos de corte**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-16052018-190043/publico/teixeira_corrigida.pdf. Acesso em: 20 mai. 2022.

TEIXEIRA, M. G. M. Aplicabilidade da escala de Receptividade Sexual por Expressão de Face via formulário *on-line*. **Revista Neurociências e Comportamento**. 1; 51-60. 2022. Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento da USP. Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, USP. Disponível em: <https://sites.usp.br/revistaneurocienciasecomportamento/edicoes/> Acesso em 02 de jan. 2023.

TEIXEIRA, M. G. M; ASSUMPÇÃO JR. F. B. Receptividade sexual por expressão de face. Em: **Parejas e Sexualidades - comprensiones Latinoamericanas**. RODRIGUES JR. O.M; RODRÍGUEZ, J.M.G; ZEGLIO, C. (Orgs.). São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade/Barranquilla: Fundación José Manuel González. ISBN-13: 9798599380658. 2021.

TEIXEIRA, M. G. M; ASSUMPÇÃO JR. F. B. Receptividade Sexual por Expressão de Face: Validade de Construto. **Neurociências & Psicologia**. n.16, 2020. ISSN 1807-1058.

TEIXEIRA, M. G. M; ASSUMPÇÃO JR. F. B. Reconhecimento de emoções complexas por expressão de face. **Neurociências & Psicologia**, v. 14, p. 24-29, 2018. ISSN 1807-1058.

THOMPSON, A.E.; VOYER, D. Sex differences in the ability to recognise non-verbal displays of emotion: A meta-analysis. **Cognition and Emotion**, 28(7), 1164-1195. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02699931.2013.875889> Acesso em: 03 fev. 2020.

TODOROV, A. Face value: The irresistible influence of first impressions. Princeton University Press. 2017.

TOFFOLETTO, S.; LANZENBERGER, R.; GINGNELL, M.; SUNDSTRÖM-POROMAA, I.; COMASCO, E. Emotional and cognitive functional imaging of estrogen and progesterone effects in the female human brain: a systematic review. **Psychoneuroendocrinology**, 50, 28-52. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psyneuen.2014.07.025> Acesso em: 20 nov. 2022.

TREAT, T. A.; HINKEL, H.; SMITH, J. R.; VIKEN, R. J. Men's perceptions of women's sexual interest: Effects of environmental context, sexual attitudes, and women's characteristics. **Cognitive research: principles and implications**, 1(1), 1-13, 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s41235-016-0009-4>. Acesso em: 20 nov. 2022.

TURCHET, P. **Os Códigos Inconscientes da Sedução**. Campinas/SP. Verus. 2005.

UNGERFELD, R. (2021). Dominance, hierarchy, and reproduction in rams and goat bucks. *Rev Bras Reprod Anim*, 45(4), 168-172. Disponível em: <http://www.cbpa.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v45/n4/p.168-172.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2023.

URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica**. Porto Alegre. Artmed. 2007.

VALENTOVA, J. V.; AMARAL, B. R.; VARELLA, M. A. C. 'Initiation of Non-Heterosexual Relationships', in MOGILSKI, J. K.; SHACKELFORD, T. K. (eds), *The Oxford Handbook of Evolutionary Psychology and Romantic Relationships* (2023; online edn, Oxford Academic, 23 Feb. 2023). Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197524718.013.8>, Acesso em: 2 mar. 2023.

XU, P.; PENG, S.; LUO, Y. J.; GONG, G. Facial expression recognition: A meta-analytic review of theoretical models and neuroimaging evidence. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, 127, 820-836, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2021.05.023>. Acesso em: 11 ago. 2022.

WEBER, L. N. D. Sinais não verbais no flerte. **Psicologia Argumento**, 23, 25-36, 1998. Disponível em: http://www.nac.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/07/1998_Sinais_ao_verbais_do_flerte.pdf. Acesso em: 08 dez. 2022.

WELLS, L. J.; GILLESPIE, S. M.; ROTSHTEIN, P. Identification of emotional facial expressions: Effects of expression, intensity, and sex on eye gaze. **PloS one**, 11(12), 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5152920/>. Acesso em: 02 jan. 2019.

WILSON, A. D.; KOLESAR, T. A.; KORNELSEN, J.; SMITH, S. D. Neural responses to consciously and unconsciously perceived emotional faces: A spinal fMRI study. **Brain sciences**, v. 8, n. 8, p. 156, 2018. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-3425/8/8/156>. Acesso em: abr. 2019.

YAMAMOTO, M. E.; VALENTOVA, J. V.; LEITÃO, M. B. P.; HATTORI, W. T.; WERNER, D. **Manual de psicologia evolucionista**. Natal: EDUFRRN. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26065/1/Manual%20da%20psicologia%20evolucionista.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

YOON, S.; KIM, H. S.; KIM, J. I.; LEE, S.; LEE, S. H. Reading simple and complex facial expressions in patients with major depressive disorder and anxiety disorders. **Psychiatry and clinical neurosciences**, v. 70, n. 3, p. 151-158, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/pcn.12369>. Acesso em: abr. 2018.

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do IP - USP

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Pesquisador: Monica Gonçalves de Melo Teixeira

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 88199218.9.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.507.623

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Emenda a projeto já aprovado por este CEP, com a justificativa:

"Considerando os prazos do curso e a situação atual (ainda decorrentes da pandemia de Covid) de restrição ao acesso de indivíduos para compor amostra da pesquisa, conforme proposto inicialmente, foram sugeridas alterações na composição dos grupos experimentais e forma de aplicação (na qualificação), permanecendo apenas as aplicações em meio eletrônico já previstas."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Evidenciar sensibilidade e especificidade para grupos da escala de percepção de receptividade sexual por expressão.

Objetivo Secundário:

Testar a sensibilidade e especificidade para grupos específicos; Observar possíveis diferenças de percepção entre indivíduos com diferentes comprometimentos cognitivos."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram adequadamente avaliados e contemplados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para a área, bem elaborada e que na forma remota contempla os aspectos éticos na pesquisa.

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 5.507.623

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os documentos exigidos.

No que concerne ao TCLE, o mesmo está redigido de modo claro, detalhado e completo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerações finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---------------------------------------|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1754628_E2.pdf | 28/06/2022 08:17:58 | | Aceito |
| Outros | ProjetoDoc270622Ementajunho2022.docx | 28/06/2022 08:11:28 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLEonline010920.docx | 08/09/2020 14:47:52 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |
| Brochura Pesquisa | Projetoementasetembro2020.docx | 08/09/2020 14:47:00 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetoDoc23052018.docx | 25/05/2018 09:25:18 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | DecCompromisso.pdf | 16/04/2018 20:48:20 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | DInfraEstrutura.pdf | 16/04/2018 20:48:45 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |
| Folha de Rosto | FLEscala.pdf | 16/04/2018 11:14:20 | Monica Gonçalves de Melo Teixeira | Aceito |

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3091-4182 E-mail: cep.lp@usp.br

USP- INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 9.507.623

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 04 de Julho de 2022

Assinado por:
Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

Bairro: Cidade Universitária CEP: 05.508-030

UF: SP Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-4182

E-mail: cep.lp@usp.br

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Tempo estimado para participação é de 15 minutos)

Nos últimos 50 anos muitos estudos buscam entender como as pessoas se comportam na paquera/flerte, o que elas fazem e dizem; como se movem e vestem; o que comem; onde vão, como tudo isso é entendido e percebido, o que se pode fazer quando a intenção é "paquerar, ficar ou namorar". Muitos desses assuntos aparecem no atendimento clínico para pessoas com dificuldades de se relacionar, por diferentes motivos.

- Para contribuir com o conhecimento da sexualidade humana e o trabalho clínico, nesta pesquisa buscamos obter informações sobre situações de paquera/flerte, que nos ajudarão a avaliar quais expressões de uma mesma face (rosto) comunicam que a pessoa está receptiva à aproximação de alguém. Pretendemos, ao final do estudo, utilizar as imagens e as opiniões sobre elas, para avaliar a sensibilidade do instrumento no uso clínico de avaliação perceptiva de receptividade sexual para grupos específicos e diferentes.

- Apresentaremos a você várias imagens de uma mesma face, com diferentes expressões, para cada imagem você irá avaliar e indicar o quanto acredita que a pessoa na imagem seria receptiva à paquera de alguém, escolhendo uma das alternativas de resposta (clique com a seta do mouse na resposta de sua escolha), para essa atividade deverá utilizar cerca de 15 minutos.

- Depois de terminar sua participação, não haverá resultados para você, é um estudo em andamento, não há certo ou errado, não é um teste do quanto você acerta, todas as opiniões sobre as imagens para nós são importantes.

Caso aceite participar desta pesquisa é importante que saiba:

Você está livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, podendo desistir sem responder se assim desejar;

Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo, os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

Ressalta-se que a pesquisa oferece baixo risco, podendo ocasionar algum desconforto. A pesquisadora tomará todas as providências e cautelas para evitar ou reduzir os possíveis danos a você. Este estudo não implicará em benefício direto a você, porém, poderá contribuir com a ampliação do conhecimento na área.

Você não terá remuneração para realizar essa pesquisa, importante que nos informe qualquer dano ou incômodo que sofra em função de sua participação na pesquisa.

O estudo está vinculado ao Laboratório Distúrbios do Desenvolvimento (LADD) do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), com a supervisão do Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior, psiquiatra infantil, que junto com a pesquisadora responsável por este estudo, a psicóloga e doutoranda pelo departamento de Neurociência e Comportamento do IPUSP, Monica G. M. Teixeira tomará todas as providências e cautelas para evitar ou reduzir os possíveis danos provenientes de sua participação nessa pesquisa, como atendimento no LADD – para quaisquer orientações e dúvidas referente a temas suscitados no estudo – ou outros laboratórios do IPUSP, para atendimento nos projetos de assistência psicossocial a depender da demanda;

Qualquer questão, dúvida, esclarecimento ou reclamação sobre os aspectos éticos dessa pesquisa, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IPUSP), Av. Prof. Mello Moraes 1721, bloco G, sala 27, CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP, tel.: (11) 3091-4182/ e-mail: ceph.ip@usp.br

Em caso de dúvida sobre a pesquisa poderá entrar em contato a responsável pelo

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

estudo, psicóloga Monica pelo telefone: (11) 97243 7342 ou e-mail: monicagmt@usp.br

Eu, fui informado (a) dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual estarei envolvido(a). Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através dos telefones (11) 972437342 ou e-mail: monicagmt@usp.br com Monica G.M. Teixeira, pesquisadora responsável pelo estudo. Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa em face dessas informações, a qualquer momento, pelos contatos acima mencionados, sem penalização alguma. Fui certificado(a) de que as informações que fornecerei terão caráter confidencial.

***Obrigatório**

Link para download da sua cópia do TCLE

https://drive.google.com/file/d/12zr0gFX74BjTIKS9y_Z-W7GWu2acnWh3/view?usp=sharing

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

1. Declaro que li e estou ciente das condições, e aceito o Termo de Consentimento Livre e esclarecido. *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 2*
 Não *Pular para a seção 2 (Não concorda)*

Não concorda

Como você não concorda com os Termos, não poderá participar da pesquisa. Obrigado!

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

2. Idade: *

Marcar apenas uma oval.

- De 18 a 20 anos
 De 21 a 25 anos
 De 26 a 30 anos
 De 31 a 35 anos
 De 36 a 40 anos
 De 41 a 45 anos
 De 46 a 50 anos
 De 51 a 55 anos
 De 56 a 60 anos
 Mais de 60 anos

3. Estado civil: *

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro
 Casado
 Divorciado
 União Estável e outros

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

4. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Formação Técnica
- Ensino Superior
- Pós-Graduação

5. Sobre Orientação Sexual: *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Outro: _____

6. Renda *

Marcar apenas uma oval.

- Sem Renda
- Até 01 salário mínimo
- De 01 a 03 salários mínimos
- De 04 a 08 salários mínimos
- Mais de 08 salários mínimos

7. Sexo: *

Marcar apenas uma oval.

- Homem *Pular para a pergunta 13*
- Mulher

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

8. Faz uso de anticoncepcional? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 11*

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

9. Tipo do anticoncepcional: *

Marcar apenas uma oval.

- Oral
 Injetável
 DIU - Mirena
 DIU - Cobre

10. Nome do anticoncepcional:

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

11. Atualmente menstrua? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 13*

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

12. Quando foi a última menstruação? *

Marcar apenas uma oval.

- Foi há cerca de 1 semana
- Foi há cerca de 2 semanas
- Foi há cerca de 3 semanas
- Foi há cerca de 4 semanas
- Não lembro
- Outro: _____

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

13. Trabalho *

Marcar apenas uma oval.

- Assalariado/empregado
- Conta própria
- Empregador
- Não trabalha *Pular para a pergunta 15*

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

Preencha com seus dados, por favor.

14. Atividade exercida *

Marcar apenas uma oval.

- Produção de bens materiais
- Construção Civil
- Comércio e serviços (exceto domésticos)
- Serviços domésticos
- Emprega até 05 pessoas
- Outro: _____

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

Preencha com seus dados, por favor.

15. Realiza algum tratamento médico? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não *Pular para a seção 12 (Orientações!)*

Escala de percepção de receptividade sexual por expressão de face: evidências de sensibilidade e especificidade.

16. Qual? *

Orientações!

Em nosso estudo queremos entender quais imagens de face demonstram que a pessoa na fotografia está receptiva à aproximação de alguém, "dá para chegar junto", não avalie se você gosta ou não da pessoa que você vê. Avalie em cada imagem o quanto você acredita que a pessoa na fotografia está receptiva sexualmente, se alguém quisesse se aproximar ela está aberta?

Avalie apenas o quanto concorda se a expressão no rosto está receptiva sexualmente. Se considera a pessoa na foto bonita ou atraente nesta pesquisa é irrelevante.

Iniciamos com as imagens Femininas

A partir da foto, observe a expressão da face e indique o quanto você concorda que ela está receptiva sexualmente.

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

17. Expressão 1 *



Marcar apenas uma oval.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Discordo Pouco
- NÃO Discordo e Nem Concordo
- Concordo Pouco
- Concordo
- Concordo Totalmente

A partir da foto, observe a expressão da face e indique o quanto você concorda que ela está receptiva sexualmente.

*As imagens femininas são apresentadas em sequência como a imagem acima de 1 na 25.

3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face

42. Expressão 1 *

**1**

Marcar apenas uma oval.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Discordo Pouco
- NÃO Discordo e Nem Concordo
- Concordo Pouco
- Concordo
- Concordo Totalmente

A partir da foto, observe a expressão da face e indique o quanto você concorda que ele está receptivo sexualmente.

*As imagens masculinas iniciam após as femininas, são apresentadas em sequência como na imagem acima de 1 a 25.

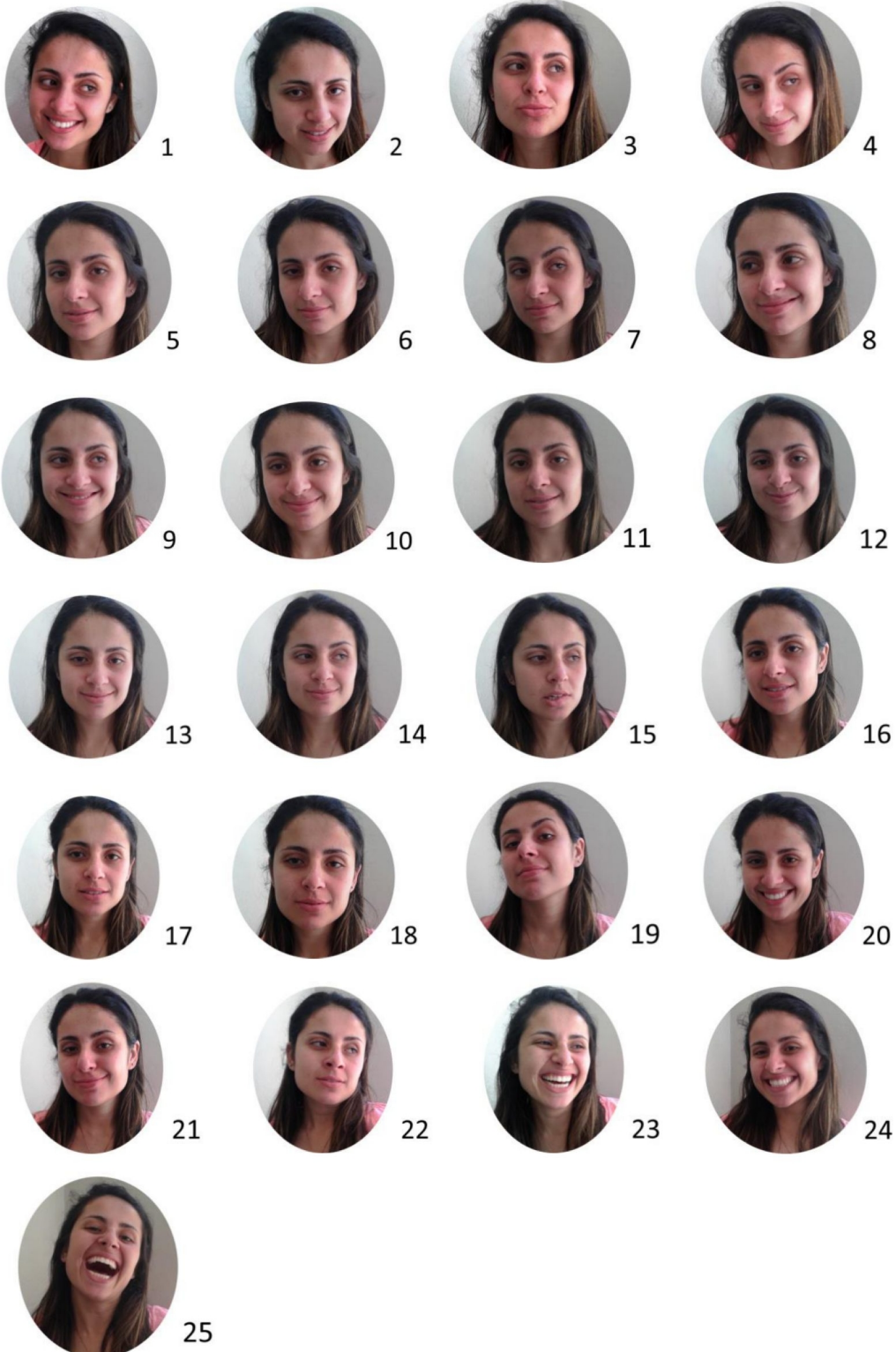
3/8/23, 12:12 PM

Percepção de Receptividade Sexual por Expressão de Face



Imagem: "O Flerte", 1904 - Eugene de Blaas.

Clique em "ENVIAR" para registrar suas respostas.

Anexo C – Imagens que compõem a escala RSEF**Imagens femininas da escala N =25**

Imagens masculinas da escala N =25

1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25